
Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém

ANA MARGARIDA ARRUDA*
ELISA DE SOUSA**

R E S U M O

A cerâmica de paredes finas recolhida durante as escavações arqueológicas realizadas na Alcáçova de Santarém é abundante e diversificada do ponto de vista formal. A grande maioria data de uma época localizada entre o final da república e o reinado de Augusto, apesar de o estudo ter permitido verificar que esta espécie cerâmica foi importada a partir de meados do século I a.C. e que continuou a ser utilizada até à época flávia. No trabalho que agora se publica, os fragmentos foram analisados de acordo com as tipologias conhecidas, mas as atribuições cronológicas foram também suportadas pelos dados estratigráficos observados nos diversos contextos em que as peças foram recolhidas. Uma leitura sobre o significado destas importações foi também ensaiada, sobretudo porque, ao contrário do que sucede em outros sítios cronológica e funcionalmente afins, foi possível trabalhar sobre um conjunto extenso que totaliza 704 fragmentos.

A B S T R A C T

The sherds of thin walled pottery that were collected during the archaeological excavation carried in the Alcáçova de Santarém are abundant and diversified from the formal point of view. The great majority dates between the end of the republic and the reign of Augustus, although this study allowed to verify that this ceramic type was imported from the middle of the 1st century BC and that it continued to be used until the flavian time. In this work, the fragments had been analysed according to the known typologies, but the chronological attributions also had been supported by the observed stratigraphic data in the diverse contexts where the pieces had been collected. A reading on the meaning of these importations also was assayed, over all because, in contrast of what succeeds in other chronologically and functionally similar sites, it was possible to work on an extensive set that totalises 704 fragments.

1. Introdução

1.1. Contexto

O principal objectivo deste trabalho é dar seguimento à publicação dos materiais arqueológicos recolhidos na Alcáçova de Santarém, durante os trabalhos de campo que têm decorrido no sítio. O texto que agora se dá à estampa vem, pois, na sequência de outros (Antunes, 1993; Arruda, 1993, 2002, no prelo; Arruda e Almeida, 1998, 1999, 2001; Arruda e Viegas, 1999, 2000, 2002a; 2000b, 2002c; 2002d, 2002e; Almeida e Arruda, no prelo; Viegas, 2001, no prelo; Viegas e Arruda, 1999), onde se explica, detalhadamente, o contexto destas publicações, facto que nos dispensa de agora o referir.

Julgamos também desnecessário voltar a descrever as características do sítio arqueológico (localização geográfica, enquadramento administrativo, tipo de implantação), já pormenorizadamente analisadas na bibliografia anteriormente citada.

As mesmas razões tornariam redundante uma nova descrição dos trabalhos arqueológicos, concretamente no que diz respeito à metodologia utilizada, à sua localização, à sua sequência, e mesmo quanto aos resultados obtidos e à diacronia verificada.

Resta-nos pois referir, nesta breve introdução, que os materiais agora objecto de publicação são provenientes quer de contextos de deposição primária, onde a associação a outros materiais permite uma interpretação mais detalhada, quer de contextos de deposição secundária, onde a análise tipológica se torna a única possível.

É ainda obrigatório fazer referência ao facto de, até 1999, as escavações na Alcáçova de Santarém terem sido sempre, e por razões e condicionalismos de vária natureza, dificultadas pela exiguidade do espaço disponível. Em 1999 e 2000 e em 2001, foi possível a escavação de amplas áreas, o que facilitou a obtenção de sequências estratigráficas mais seguras. Tanto na área dos viveiros do Jardim (1999-2000), como na do restaurante das Portas do Sol (2001), os níveis correspondentes a ocupação romana, apesar de ainda afectados pela construção dos silos islâmicos, encontravam-se relativamente bem preservados e, sobretudo, a extensão da área objecto de estudo facilitou a compreensão e a análise da sequência ocupacional.

Os estudos de materiais da Alcáçova de Santarém estão assim agora melhor suportados do ponto de vista arqueológico do que aqueles se realizaram até às escavações de 1999 (Arruda e Almeida, 1998; Arruda e Almeida, 1999, 2001, no prelo). Não só o espólio quase duplicou, como a estratigrafia absoluta e, sobretudo, relativa, bem como a clara associação entre materiais, permite uma análise que esteve em grande parte vedada nos primeiros trabalhos. Desta nova situação bene-

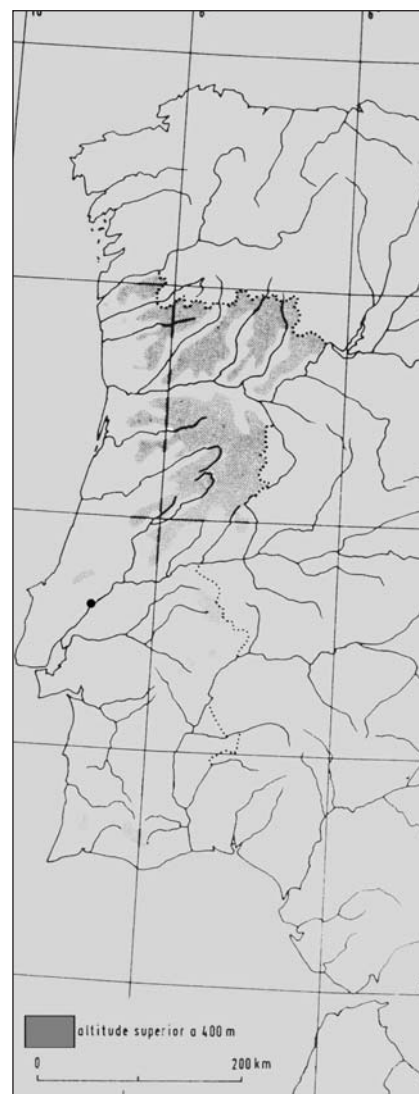


Fig. 1 Localização de Santarém no território actualmente português (base cartográfica de Victor S. Gonçalves, 1989).



Fig. 2 Planta do planalto da Alcáçova de Santarém com a área escavada (segundo Arruda, 2000, p. 6-72 modificado).

ficiu já o estudo da *terra sigillata*, realizado por Catarina Viegas (2001), bem como o que foi efectuado sobre o conjunto da cerâmica de engobe vermelho pompeiano (Arruda e Viegas, 2002a).

No trabalho que agora se dá à estampa, as cerâmicas são pois apresentadas, nomeadamente no que à sua cronologia se refere, tendo em consideração não só os tipos formais em que se enquadram e as características de fabrico que apresentam, mas também o contexto arqueológico em que foram encontradas.

1.2. A cerâmica de paredes finas: as tipologias e os centros de produção

Os estudos sobre cerâmica de paredes finas são numerosos e passaram pela construção de algumas tipologias.

Se desde, pelo menos, o século XIX, esta espécie cerâmica chamou a atenção de muitos investigadores (entre outros, Bianchetti, 1895; Paris, Bonsor, Laumonier, Ricard e Mergelina, 1926; Bonsor, 1931; Lamboglia, 1947, 1950), o certo é que apenas a partir de meados do século XX ela se constitui enquanto objecto de obras monográficas.

Os esforços de sistematização formal surgem pela, primeira vez, com Mercedes Vegas, em 1963-64 e 1973, ano em que também a cerâmica de paredes finas de Cosa foi estudada num volume individual, e onde uma tipologia é igualmente apresentada (Marabini Moevs, 1973).

Em 1975, Françoise Mayet publicou o já clássico «La céramique a parois fines dans la Península Ibérique», obra que passou a constituir-se como a referência tipológica, por excelência, para a maioria dos investigadores, não só peninsulares.

O Istituto della Enciclopedia Italiana dá à estampa, em 1985, o 2º volume do *Atlante delle forme ceramiche*, cabendo a A. Ricci o estudo da cerâmica de paredes finas. Uma nova tipologia é então elaborada, onde sobressai uma outra abordagem e um outro método de análise. Trata-se de uma tipologia aberta, que, de algum modo, segue o esquema que J.P. Morel elaborou para as cerâmicas campanienses, em 1982. Torna-se assim possível incluir novos tipos, e rompe-se com um esquema tipológico baseado num *tipo ideal*, evitando-se a multiplicação de variantes.

O estudo da cerâmica de paredes finas da Catalunha (López Mullor, 1981) resultou não numa nova tipologia, mas na adição de novas formas à que Mayet tinha elaborado onze anos antes.

Os trabalhos realizados em Lattes têm vindo a conduzir à publicação exhaustiva dos resultados, havendo neste momento 14 volumes publicados. O estudo da cerâmica de paredes finas foi incluído nos volumes 6 e 14 (Passelac, 1993; Py, Adroher Auroux e Sánchez, 2001) e, uma vez mais, é a tipologia de Mayet que é utilizada com as novas formas introduzidas por López Mullor.

Os estudos sobre cerâmica de paredes finas esbarraram quase sempre na dificuldade da identificação dos centros produtores. Os lamentos sobre a ausência de análises químicas que permitam conhecer afinidades de produção entre os diversos achados dos centros de consumo são sistemáticos. Por outro lado, foi rara a identificação, e posterior escavação, das oficinas que fabricaram esta espécie cerâmica, o que contribui para muitas das indefinições que ainda perduram quanto à origem de muitos destes vasos.

No entanto, os diversos investigadores puderam perceber que, basicamente, e quanto ao fabrico, a cerâmica de paredes finas se dividia em dois grandes grupos. Muito genericamente, pode dizer-se que o primeiro, da época republicana e principado de Augusto, que inclui sobretudo copos, não possui qualquer engobe, mas as superfícies estão quase sempre polidas. A decoração apresenta um repertório pobre, obtido pela técnica da incisão ou da barbotina. Os mapas de distribuição indiciam que se trata de produtos fabricados em Itália. O segundo, onde domi-

nam as taças, é constituído por vasos cobertos por engobe, muitas vezes com reflexos metálicos. Cronologicamente, a produção destes vasos inicia-se apenas a partir do reinado de Tibério. Os centros de fabrico são agora diversificados, localizando-se ainda em Itália, mas também, e entre outras áreas, no sul da Gália, na Península Ibérica e no *limes* germânico. Do ponto de vista decorativo, existe uma maior riqueza e variedade.

De acordo com o esquema que, de forma simplificada, acima se apresentou, e através da observação macroscópica das pastas e da distribuição geográfica das ocorrências, Françoise Mayet (1975), primeiro, e Ricci (1985), depois e de forma mais exaustiva, puderam associar características de fabrico a diversas áreas produtoras.

Actualmente, admite-se a produção da cerâmica de paredes finas, na área ocidental, em Itália, França e Espanha, apesar de apenas na Gália os centros produtores terem sido identificados.

2. A cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém

2.1. Metodologia da abordagem do conjunto

Na elaboração deste trabalho tivemos, sobretudo, em consideração a tipologia de Mayet (1975) e a que foi elaborada para Lattes por Passelac (1993), devendo desde já lembrar-se que a segunda tabela tipológica é, em grande parte, uma simplificação da primeira. Recorremos, com menor frequência, a outras tipologias, quer mais recentes como mais antigas, nomeadamente a de Marabini Moevs (1973), de López Mullor (1981) e de Ricci (1985).

A integração tipológica dos nossos exemplares não foi, contudo, tarefa fácil. O facto de termos trabalhado sobre fragmentos de reduzida dimensão dificultou a identificação formal de muitos deles, uma vez que certos tipos apenas se diferenciam por detalhes que são unicamente perceptíveis em exemplares mais completos. É sabido, por exemplo, que os bordos das Formas IIIB e VIIC de Mayet são muito semelhantes e que estas apenas se distinguem pelos perfis do corpo e pela forma do pé. Temos também consciência que alguns fragmentos classificados como 8C poderiam ser igualmente integrados na forma 10. Também muitos dos fundos de que dispomos podem pertencer indistintamente a muitas das formas das diversas tabelas tipológicas, o que, naturalmente, também não facilitou a sua classificação. Daí que algumas classificações tenham sido concretizadas com reservas.

No entanto, a orientação das paredes e os diâmetros, para além naturalmente dos perfis que apresentam, permitiram-nos propor uma classificação formal em quase todos os casos.

A grande diversidade de pormenores que se detectaram nos fragmentos apenas foram passíveis de serem identificados formalmente recorrendo à tipologia de Mayet, dado que esta autora apresenta várias variantes dentro da mesma forma, variantes essas estabelecidas, consoante a variação do bordo e/ou fundo, presença ou não de asas e existência ou não de decoração (e sua diversidade).

Determinados fragmentos de Santarém foram efectivamente identificados como pertencentes a uma destas variantes. No entanto, quando o elemento diferenciador consiste na presença de asas ou decoração, e estas não são possíveis de serem identificadas no exemplar em estudo, optámos por incluí-lo dentro do tipo formal mais amplo.

Neste contexto, parece pertinente recordar que a cerâmica de paredes finas é essencialmente uma produção fabricada a torno, sendo extremamente difícil encontrar, mesmo dentro do mesmo tipo, peças formalmente idênticas. Esta dificuldade acentua-se quando o conjunto estudado se encontra com um elevado grau de fragmentação (como é o caso presente).

Como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, muitas das peças agora estudadas foram recolhidas em contextos primários de ocupação o que, permitindo verificar a sua associação a outros materiais, possibilitou a atribuição de uma datação relativamente precisa. As sequências estratigráficas obtidas forneceram, também, dados que facilitaram a observação do conjunto do espólio recolhido em cada unidade estratigráfica em termos relativos, o que fornece uma maior consistência às cronologias propostas.

Abdicámos da apresentação, *ad infinitum*, de paralelos para os nossos exemplares, acreditando que os dados que apresentamos têm, por si só, um valor intrínseco inestimável. Isto não significa que tenhamos ignorado as realidades que se constituem como referências incontornáveis, mas apenas que, por vezes, a presença ou ausência de determinadas formas em determinados sítios, muitas vezes localizados em regiões longínquas e com processos de romanização muito distintos, podem não ter qualquer relevância para o estudo que efectuámos.

Também a comparação com sítios localizados na Lusitânia ocidental se tornou difícil, mas agora pela escassez de elementos. De facto, os contextos republicanos portugueses são raros, e, quando existem, não têm sido divulgados completamente. Assim, para a grande maioria dos materiais de Santarém, que datam exactamente do período republicano/reinado de Augusto, as comparações formais, decorativas e cronológicas com outros provenientes de sítios de localizados no actual território português são escassas e resumem-se praticamente aos de Conímbriga (Fouilles de Conímbriga, VI) e das Mesas do Castelinho — Almodôvar (Fabião, 1998).

Para a época imperial, a situação melhora consideravelmente, sendo já abundantes os dados tanto de necrópoles como de núcleos urbanos.

Quanto ao fabrico, a análise macroscópica foi realizada no contexto dos dois grandes grupos: república/reinado de Augusto e período imperial e revelou-se tarefa difícil. Nunca é demais salientar as inúmeras limitações que qualquer análise desta natureza impõe ao estudo do espólio. De facto, a análise das pastas cerâmicas apenas com base em critérios macroscópicos pode conduzir a duas situações opostas, ambas com consequências negativas: ou uma proliferação infinita de grupos com base em diferenciações ilimitadas de tratamentos e cores de superfícies e pastas; a constituição de conjuntos vastos que terminam por se revelar uma grosseira generalização de distintas e variadas produções. Conscientes destas limitações, ensaiamos, contudo, a divisão dos fragmentos de cerâmica de paredes finas recolhidos na Alcáçova de Santarém em grupos relativamente amplos.

No período republicano/reinado de Augusto, dominam os produtos que tem uma clara origem italiana.

Maioritariamente, a cerâmica de paredes finas deste momento é constituída por fragmentos de pasta dura, sonora, compacta, com raros elementos não plásticos observáveis a olho nu e com pastas alaranjadas (Munsell 2.5 YR 5/6), que podem apresentar núcleo cinzento. A superfície externa apresenta-se sempre cuidadosamente polida (GRUPO I). Em alguns casos, verifica-se a aplicação de um engobe negro, que ocorre maioritariamente na superfície externa, mas que é também visível em alguns fundos internos (GRUPO Ia). Por o grupo ser de grande dimensão verifica-se uma considerável variedade de cores na superfície externa, concretamente:

1. da mesma cor da pasta (GRUPO Ib);
2. cinzenta (GRUPO Ic);
3. bege (GRUPO Id);
4. castanha alaranjado (GRUPO Ie)
5. castanha acinzentado (GRUPO If)

Esta variedade de colorações na superfície externa deverá explicar-se pelo facto de a cozedura destes vasos ter implicado o seu empilhamento, o que provocou a diferenciação cromática entre fundos/parte inferior da pança e bordo/parte superior da pança. Assim, as variantes que se estabeleceram no Grupo I são apenas significativas no caso concreto da existência do engobe negro (GRUPO Ia) que cobre algumas superfícies de vasos cujas pastas puderam, no entanto, ser assimiláveis.

As superfícies internas deste GRUPO I são, maioritariamente, da mesma cor da pasta (laranja). No entanto, em alguns fragmentos, o castanho alaranjado ou acinzentado e mesmo o laranja violáceo podem ocorrer.

Não é fácil atribuir estas produções a um centro oleiro determinado. Contudo, tomando em consideração as informações prestadas por Ricci (1985, p. 347), julgamos possível integrar este Grupo I de Santarém no que a investigadora italiana identificou como produções da Campânia, parecendo provável a sua associação ao grupo 3 campano de Ricci.

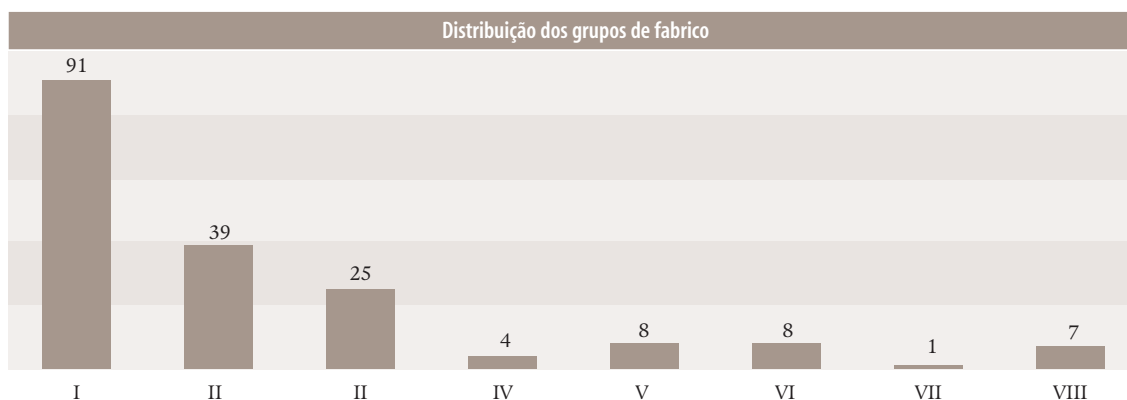
Atendendo às características físicas observadas, um outro grupo, mais reduzido, e muito possivelmente também de origem campana, foi identificado. Trata-se do GRUPO II de Santarém, caracterizado por pastas de cor laranja (Munsell 5YR 6/6), menos compactas que as do grupo anterior, com elementos não plásticos visíveis a olho nu, concretamente areias negras que podem ser consideradas vulcânicas. As superfícies, da mesma cor da pasta, estão alisadas, por vezes menos polidas, mas esse polimento nunca atinge a qualidade do que foi observado no nosso GRUPO I. A sua associação ao Grupo 1 da Campânia de Ricci parece provável.

Um terceiro GRUPO (III), ainda campano, foi caracterizado. À semelhança do grupo anterior, apresenta as superfícies apenas alisadas, raramente polidas, mas as pastas são mais depuradas, apesar de menos compactas. A cor da pasta mantém-se alaranjada (Munsell 7.5 YR 6/4), mas a das superfícies é cinzenta clara ou acastanhada, indiciando uma cozedura oxidante, com arrefecimento redutor.

Pouco representativo é o GRUPO IV, constituído por pastas mediantemente compactas, com alguns elementos não plásticos visíveis a olho nu, onde sobressaem as partículas de mica prateada. A cor varia entre o vermelho escuro (Munsell 2.5 YR 5/6) e o castanho (Munsell 2.5 YR 4/4), e as superfícies encontram-se polidas. A assimilação deste grupo a um centro oleiro localizado na Etrúria parece-nos o mais provável.

Os restantes fragmentos, apesar de poderem constituir ainda importações itálicas, distribuem-se por grupos pior definidos e incluem poucos exemplares.

O GRUPO V é composto por pastas claras, beges (Munsell 10 YR 6/4), brandas, mas compactas, com poucos elementos não plásticos. As superfícies são da mesma cor da pasta. A superfície externa é polida.



O GRUPO VI, que inclui oito fragmentos, é caracterizado por pastas acastanhadas (Munsell 7.5 YR 5/3), por vezes com núcleo cinzento claro, duras, com raros elementos não plásticos. As superfícies apresentam colorações semelhantes às da pasta, estando a externa polida.

Um único fragmento apresenta superfícies e pasta de cor cinzento claro — GRUPO VII (Munsell 10 YR 6/2). As características físicas que ostenta evidenciam uma produção cuidada. A pasta é dura, compacta, com raros elementos não plásticos visíveis a olho nu. Com a mesma cor da pasta, as superfícies, sobretudo a externa, foi cuidadosamente polida.

Ainda incluídos no conjunto da cerâmica de paredes finas, identificámos um conjunto de fragmentos, cujo fabrico é muito homogéneo. Trata-se de pasta com abundantes elementos não plásticos (calcites?) visíveis a olho nu e que o grosseiro polimento da superfície externa não conseguiu esconder. Foi o que denominámos GRUPO VIII, cuja cor da pasta é quase sempre laranja escuro/acastanhado e a das superfícies é cinzenta, ou, mais raramente, da observada na pasta (Munsell 5 YR 5/4 e 2.5 YR 5/1). Trata-se de produtos de fraca qualidade, podendo admitir-se que estamos perante uma produção local ou regional. De qualquer modo, importa registar a pouca expressão deste fabrico, que está presente em apenas oito exemplares, apesar de a totalidade dos fragmentos ter sido recolhida em níveis de finais da época republicana.

Ainda quanto aos fabricos, podemos desde já adiantar que nenhum deles está associado a qualquer forma específica, verificando-se, pelo contrário que as formas identificadas se distribuem pelos diversos fabricos.

Para a época imperial, seguimos de perto as propostas de Mayet (1975), tendo associado as características técnicas identificadas nos exemplares recolhidos na Alcáçova de Santarém aos centros produtores que a investigadora francesa propôs. Ficou claro que, nesta época, Santarém importou cerâmicas destinadas ao consumo de líquidos, exclusivamente da Península Ibérica. Apesar de a análise macroscópica das pastas e dos engobes ter permitido identificar dois fabricos distintos (um, mais raro, de pasta esbranquiçada e engobe amarelado; outro, abundante, de pasta ocre e engobe laranja escuro), o certo é que tem sido sempre proposto que ambos tenham uma origem hispânica.

2.2. *Composição da amostra*

Na Alcáçova de Santarém, recolheram-se 704 fragmentos que pertenciam a vasos de paredes finas. Destes, apenas 182 permitiram identificação formal, por se tratar de bordo ou fundo, o que corresponde a 25,8%. Deve ainda acrescentar-se que as peças se encontram num considerável estado de fragmentação.

Em termos absolutos, pode, no entanto, ainda acrescentar-se que, contabilizada a totalidade dos fragmentos, a grande maioria (652 fragmentos — 92,6%) pertence aos finais da República e ao reinado de Augusto, sendo muito inferior o número de fragmentos atribuíveis aos anos posteriores ao reinado de Tibério (52 fragmentos — 7,4%).

2.3. Classificação da cerâmica de paredes finas de Santarém

2.3.1. A época republicana e o principado de Augusto

2.3.1.1. A Forma 1

Os copos da Forma 1, de aspecto geral fusiforme, caracterizam-se por um bordo moldurado e de perfil em S. As variantes criadas por Françoise Mayet (1975: 24-25) — Ia, Ib e Ic, bem como a Id de López Mullor (1981, p. 189) distinguem-se apenas pelo tipo de decoração que a pança ostenta.

A Alcáçova de Santarém ofereceu um único bordo que podemos integrar nesta forma, estando, no entanto, a sua classificação por variante impossibilitada. O bordo em questão é típico desta produção, concretamente a dupla concavidade do seu lábio.

A cronologia desta Forma é ampla (López Mullor, 1981, p. 190-192), mas tudo indica que a sua produção ter-se-á iniciado no início do segundo quartel do século II a.C. Se bem que existam dados que permitem supor que este tipo de copos se utilizou até aos últimos decénios do século I a.C., há, no entanto, algum consenso sobre o facto de se poder localizar o final da produção em meados deste século.

Em Santarém, a forma é proveniente de um contexto fechado, claramente republicano, cuja presença de Campaniense A, B e B-óide, e de ânforas Mañá C2, Dressel 1, e Haltern 70 permite datar entre 50 e 30 a.C.

O exemplar recolhido em Santarém integra-se no nosso fabrico V, o que significa que, muito possivelmente e de acordo com Ricci (1985, p. 34), foi fabricado na Itália Central, muito presumivelmente na Campânia.

Este tipo de copos, muito abundante em Itália, fundamentalmente na costa tirrénica, teve grande divulgação no Ocidente, sobretudo no sul Gália. Na Península Ibérica, é conhecido maioritariamente na Catalunha e no Sudeste (Ricci, 1985, p. 34).

No território actualmente português, desconhecem-se quaisquer copos da Forma 1.

7317 - Fig. 3, n.º 1 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 77 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico V.

2.3.1.2. A Forma 2

Esta forma consiste num copo fusiforme ou ovóide, com bordo alto, convexo ou oblíquo, estreitando consideravelmente na ligação à pança.

Françoise Mayet (1975, p. 26) distingue 5 variantes (II, IIA, IIB, IIC e IID), diferenciáveis pelo comprimento e perfil do bordo e pela forma geral da pança.

Em Lattes, as mesmas características, a que se acrescentaram a presença ou não de decoração e as dimensões gerais, acabaram por produzir nove variantes (2, 2.1, 2.2, 2.3, 2A, 2B, 2C, 2D) (Passelac, 1993, p. 512-513).

Na Alcáçova de Santarém, os copos da Forma 2 totalizam 39 exemplares, estando presentes três variantes — Lattes 2A, 2B e 2D, que correspondem a Mayet IIA, IIB e IID.

Alguns fundos, indubitavelmente pertencentes à forma 2, não foram passíveis de desdobramento em qualquer das variantes e, por isso, foram incluídos na forma 2 em geral.

A forma 2 encontra-se mal representada no território actualmente português, estando a sua presença documentada apenas nas Mesas do Castelinho (Fabião, 1998, p. 336) e no Cabeço de Vaia Monte (Fabião, 1998, p. 336).

7620 - Fig. 3, n.º 2 (1994/95); Q5; U.E.: 5; 4 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 34 mm; altura: 55 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico IV.

9765 - Fig. 3, n.º 3 (1995); MUR T1; U.E.: 2A; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 41 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

3502 - Fig. 3, n.º 4 (1994/95); Q11; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 30 mm; altura: 34 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico IV.

25582 - Fig. 3, n.º 5 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 45 mm; altura: 21 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

25567 - Fig. 3, n.º 6 (2001); 2; U.E.: 107; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 34 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ic.

25566 - Fig. 3, n.º 7 (2001); 2; U.E.: 148; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

25538 - Fig. 3, n.º 8 (1999); 1B; U.E.: 238; 1 de fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 50 mm; altura: 22 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

25504 - Fig. 3, n.º 9 (1999); 1A; U.E.: 688; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Id.

5681 - Fig. 3, n.º 10 (1989); C8; U.E.: 14; 1; fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 34 mm; altura: 28 mm; espessura média da parede: 4 mm. Fabrico IV.

8321 - Fig. 3, n.º 11 (1994-95); Q14-17E; U.E.: 4a; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 55 mm; altura: 27 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico IV.

15229 - Fig. 3, n.º 12 (1992/93); S.03a; U.E.: 249; 2 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 41 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

4068 - Fig. 3, n.º 13 (1989); C IX 17; U.E.: 8; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 37 mm; altura: 22 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ie.

15495 - Fig. 4, n.º 14 (1992/93); S.7; U.E.: 250; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.

7279 - Fig. 4, n.º 15 (1984); C1, H18; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ib.

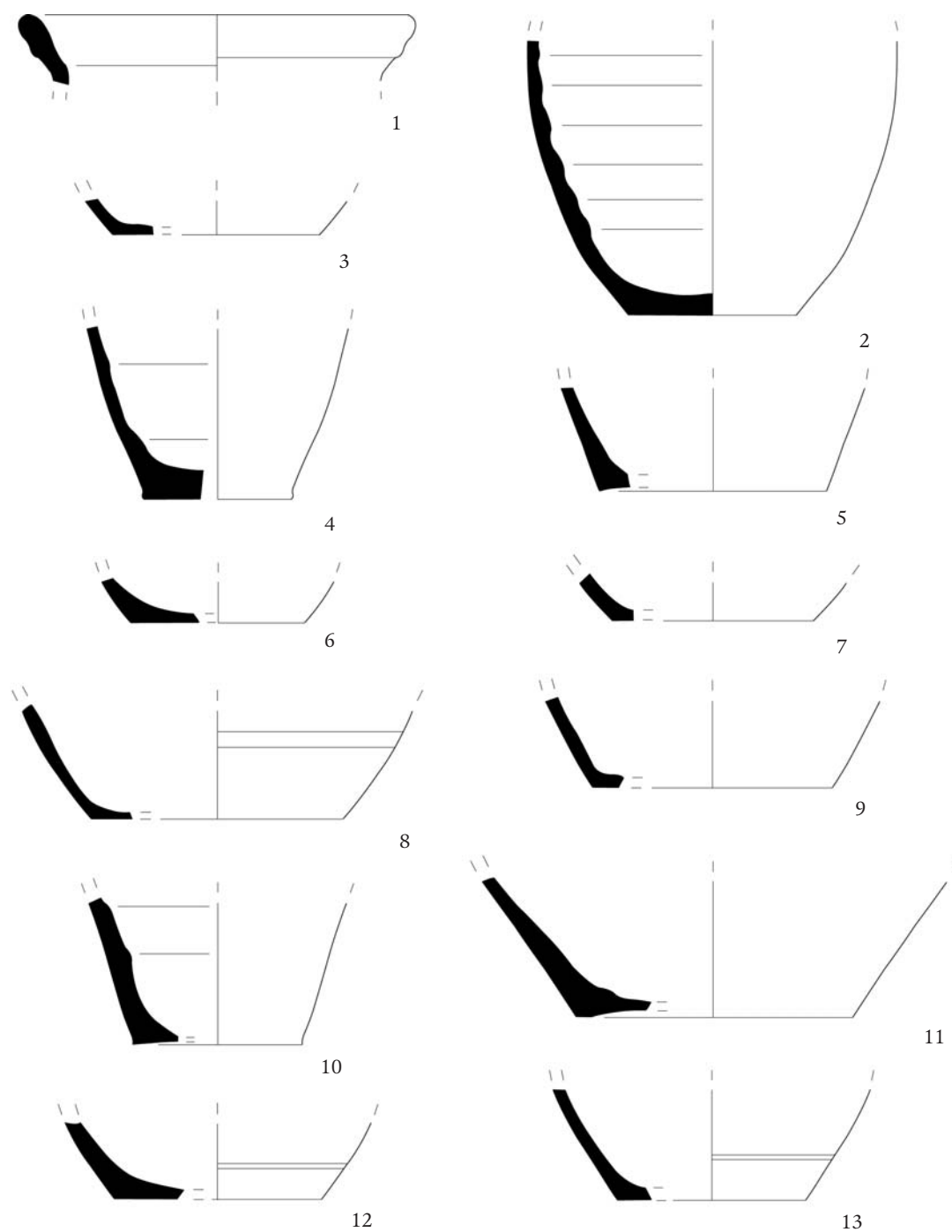


Fig. 3 Par-Fin 1 (1), Par-Fin 2 (2 a 13). Escala 1:1.

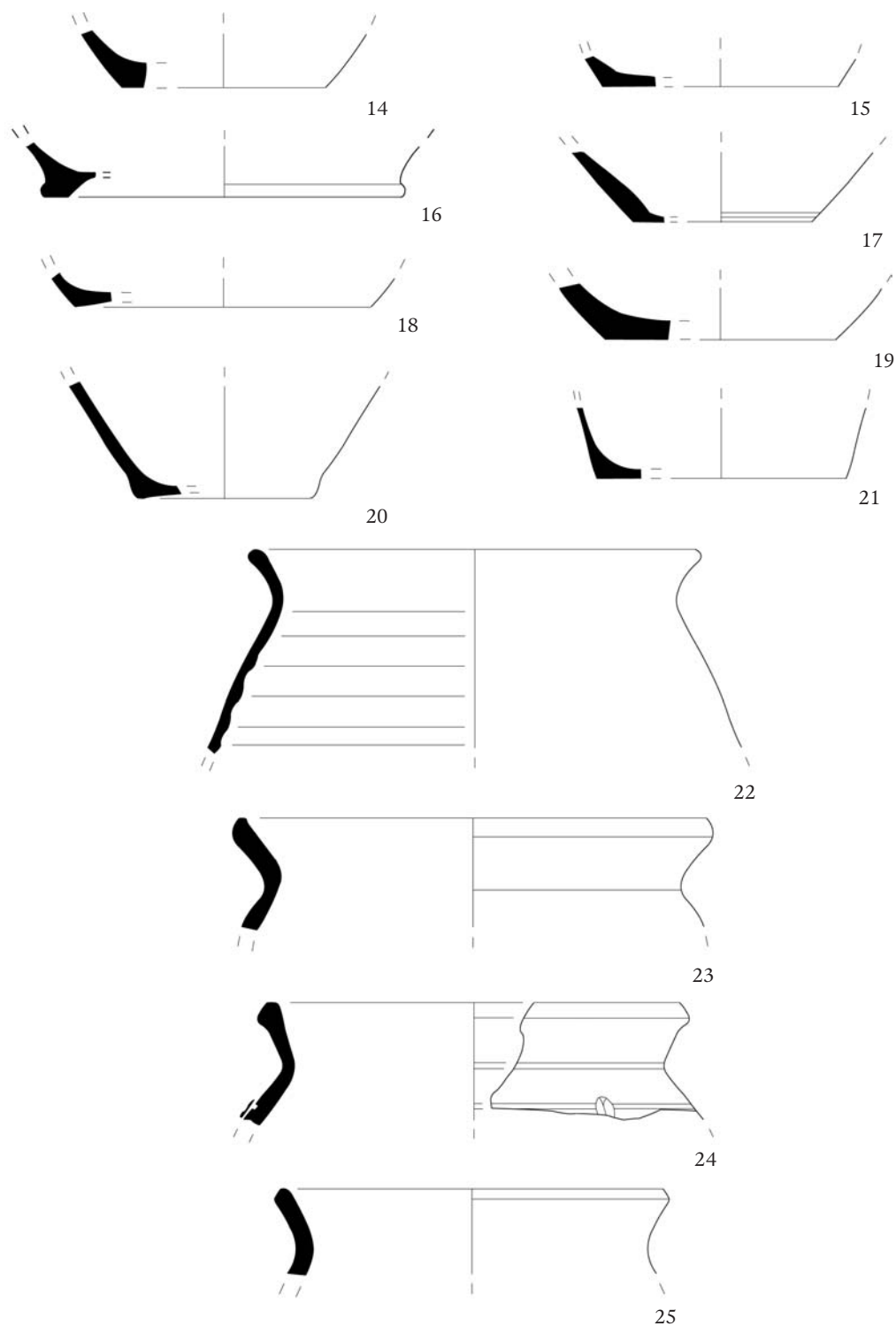


Fig. 4 Par-Fin 2 (14 a 21), Par-Fin 2A (22 a 25). Escala 1:1.

5679 - Fig. 4, n.º 16 (1983); C1 G18; U.E.: 3; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 71 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.

8159 - Fig. 4, n.º 17 (1994/95); Q12; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 36 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.

13350 - Fig. 4, n.º 18 (1997); Q7; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 59 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

25502 - Fig. 4, n.º 19 (2000); 1A; U.E.: 129; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 4 mm. Fabrico II.

7282 - Fig. 4, n.º 20 (1988); B; U.E.: 7; 2 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 35 mm; altura: 22 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

9857 - Fig. 4, n.º 21 (1997); Q19; U.E.: 9; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 49 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico Ib.

2.3.1.2.1. A Forma 2 A

Esta variante A da Forma 2 distingue-se da 2 propriamente dita pelo perfil do bordo, que é aqui claramente oblíquo, e também pela forma geral do corpo, que abandona o aspecto fusi-forme das Formas I e II, aparecendo de tendência ovóide. O fundo é estreito, ligeiramente côncavo e decorado com ranhuras finas.

Se bem que os resultados de Ampúrias apontassem para uma cronologia do século II a.C. (Mayet, 1975, p. 27), tudo indica que a forma se difunde apenas a partir do início da centúria seguinte. Existem ainda elementos (López Mullor, 1981, p. 202-203) que permitem admitir o prolongamento das exportações até ao principado de Augusto.

Em Santarém, recolheram-se 9 fragmentos de bordo integráveis nesta forma. Se alguns deles são provenientes de camadas de entulho, muitos outros provêm de níveis que permitem avaliar a cronologia da sua importação para este centro de consumo. Assim, parece seguro que foi ainda em época republicana que estes copos começaram a ser utilizados. É o que pode deduzir-se do seu aparecimento na Unidade Estratigráfica 135, escavada em 1999 e que, para além do bordo 25530, forneceu cerâmica campaniense de tipo B-óide (Formas 1 de Lamboglia), o que permite aferir uma cronologia republicana. É este também o caso do fragmento 25551, encontrado, em 2001, na UE 172.

No entanto, o bordo 25529, encontrado na UE 643, permite verificar que, também em Santarém, estes copos atingiram o principado de Augusto. De facto, neste contexto a cerâmica de paredes finas da Forma 2A surge associada a *terra sigillata* itálica.

No território actualmente português, esta variante da forma 2 foi reconhecida no Cabeço de Vaiamonte (Fabião, 1998, p. 337) e em Chibanes (Silva e Soares, 1997, p. 58). No último dos sítios, a cronologia republicana é inquestionável (Fase II B - último quartel do século II/inícios do I a.C.) e no primeiro pode ser presumida, apesar de todas as questões que se relacionam com a recolha do conjunto do espólio do sítio alto alentejano.

7508 - Fig. 4, n.º 22 (1994-95); Q14-17E; U.E.: 14; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 89 mm; altura: 39 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

8266 - Fig. 4, n.º 23 (1994-95); Q30; U.E.: 2; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 94 mm; altura: 22 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

5713 - Fig. 4, n.º 24 (1985), Corte 5; U.E.: 5a; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 83 mm; altura: 24 mm; espessura média da parede: 3 mm. Apresenta decoração. Fabrico III.

25583 - Fig. 4, n.º 25 (1999); 1C; U.E.: 322; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 76 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

25530 - Fig. 5, n.º 26 (1999); 1B; U.E.: 135; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.

9378 - Fig. 5, n.º 27 (1994-95); Superfície; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 74 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

25529 - Fig. 5, n.º 28 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.

4184 - Fig. 5, n.º 29 (1989); C VIII., Q03; U.E.: 6; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 75 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ib.

25551 - Fig. 5, n.º 30 (2001); 02; U.E.: 172; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

2.3.1.2.2. *A forma 2 B*

Tal como na variante A, os bordos da forma 2B são oblíquos, sendo, no entanto um pouco mais curtos. A ligação do colo ao corpo é consideravelmente mais marcada. A pança permanece fusiforme, apresentando um perfil de tendência tronco-conónica. O copo é mais alto e mais estreito que os das anteriores variantes.

Françoise Mayet, baseada na estratigrafia de Cosa, data estes copos de meados do século I a.C. (1975, p. 27).

Em Santarém, foram 11 os fragmentos que incluímos nesta variante da Forma 2. Os contextos em que foram encontrados sugerem que na colónia lusitana a forma esteve em uso durante o principado de Augusto. De facto, nas UE 129 e 131, escavadas em 2000, os fragmentos estavam acompanhados por *terra sigillata* itálica. Acrescenta-se ainda que na UE 129 foi também recolhida uma moeda datada de 27-25 a.C. (cunhagem de Carisius). No entanto, existem dados que permitem concluir que a importação destes copos se iniciou ainda durante a República, como é o caso do bordo 7272, encontrado em 1988, no sector B, UE 7, unidade claramente republicana. Recordamos que este mesmo nível forneceu o bordo da forma 1, acima descrito.

No território actualmente português, regista-se a presença desta mesma variante da Forma 2 em Cabeço de Vaia Monte (Fabião, 1998, Fig. 100, n.º 3) e em Braga (Morais, 1997, estampa XXV, n.º 1).

7530 - Fig. 5, n.º 31 (1994-95); Q14-17E; U.E.: 13; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 87 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico III.

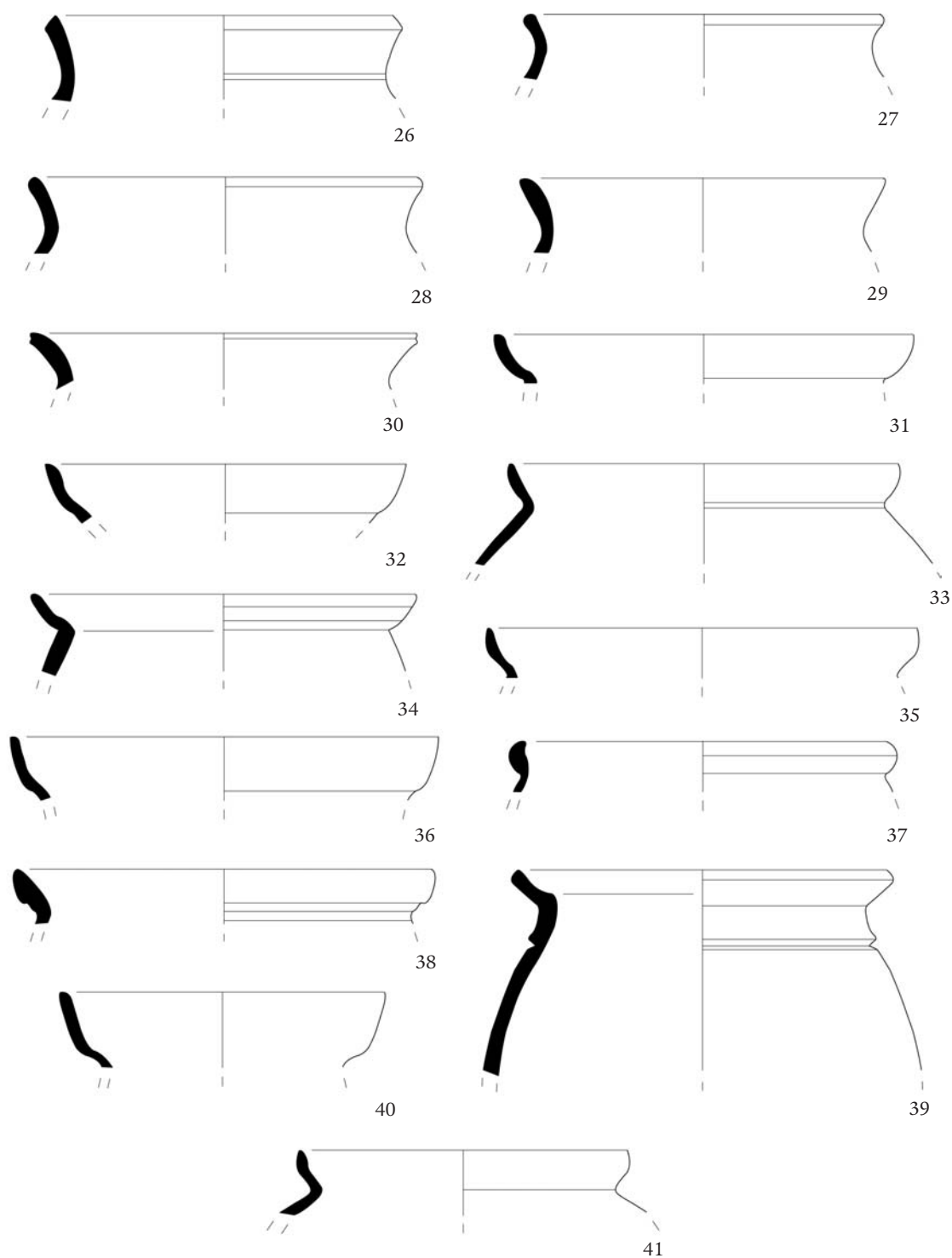


Fig. 5 Par-Fin 2A (26 a 30), Par-Fin 2B (31 a 41). Escala 1:1.

25527 - Fig. 5, n.º 32 (2000); 1B; U.E.: 131; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 74 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

25526 - Fig. 5, n.º 33 (2000); 1A; U.E.: 129; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 21 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

7270 - Fig. 5, n.º 34 (1989); CVIII Q9; U.E.: 8; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico Ie.

25581 - Fig. 5, n.º 35 (2000); 1A; U.E.: 129; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 89 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

7172 - Fig. 5, n.º 36 (1985); F15; U.E.: ?; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 89 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

7272 - Fig. 5, n.º 37 (1988); B; U.E.: 7; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 76 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

25575 - Fig. 5, n.º 38 (2001); 2; U.E.: 140; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 87 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

7320 - Fig. 5, n.º 39 (1989); C 7; U.E.: 05; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 76 mm; altura: 41 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.

25590 - Fig. 5, n.º 40 (2000); 1A; U.E.: 640; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 67 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.

25586 - Fig. 5, n.º 41 (1999); 1B; U.E.: 418; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 68 mm; altura: 19 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

2.3.1.2.3. *A Forma 2 D*

Esta variante apresenta também um bordo oblíquo voltado para o exterior, mas o corpo já não é fusiforme ou mesmo ovóide, apresentado um perfil mais cilíndrico. As paredes da pança são, de facto, quase paralelas, repousando numa base larga que lhe fornece estabilidade.

Não parecem existir dados muito seguros sobre a cronologia da produção e difusão desta forma. Aceitando-se uma data do século II a .C. (125) para o início da sua comercialização, existem dados que permitem suspeitar da sua utilização até ao início do reinado de Augusto, como os de Cosa (Marabini, 1973, p. 60)

Em Santarém, recolheram-se apenas dois fragmentos de fundo que pelas suas características podem pertencer a esta variante da forma 2. A classificação é, no entanto, feita com muitas reservas. Os seus contextos estratigráficos de recolha não fornecem qualquer contribuição para um melhor esclarecimento da cronologia desta forma.

9221 - Fig. 6, n.º 42 (1994-95); Q14 B.3; U.E.: 32; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 34 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico VI.

13782 - Fig. 6, n.º 43 (1997); Q9; U.E.: 3; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 61 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico V.

2.3.1.3. A Forma 3

Françoise Mayet dividiu a sua forma III em seis variantes, que se distinguem pela altura e perfil do corpo, pela presença ou não de asas, e presença ou ausência de decoração (Mayet, 1975, p. 29-30). Na publicação sobre Lattes, estes copos de paredes concâvas foram também subdivididos, mas aqui as variantes são apenas cinco (Passelac, 1993, p. 513-514).

Na generalidade, esta forma parece típica do século I a.C., podendo o início da produção situar-se no início do 2º quartel. Parece seguro que atingiu o reinado de Augusto.

Em Santarém, estão presentes três variantes (3.1, 3A e 3B), havendo, contudo, cinco fundos em que estas variantes não puderam ser identificadas e que por isso mesmo foram classificados, genericamente, na forma 3.

3499 - Fig. 6, n.º 44 (1994/95); Q12; U.E.: 6; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 41 mm; altura: 5 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

25549 - Fig. 6, n.º 45 (2001); 2; U.E.: 120; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 45 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico Ic.

8319 - Fig. 6, n.º 46 (1994/95); Q2; U.E.: 3; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 45 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 4 mm. Fabrico II.

13411 - Fig. 6, n.º 47 (1997); Q7; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 52 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico If.

7535 - Fig. 6, n.º 48 (1994/95); Q27; U.E.: 1; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 38 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico VI.

2.3.1.3.1. A Forma 3.1.

Esta forma, que corresponde a Forma III de Mayet (1975, p. 29), consiste num copo ovóide, de altura variável, com um bordo alto, vertical e encurvado. Alguns exemplares apresentam uma pança algo fusiforme. O fundo é ligeiramente côncavo. Por vezes o copo pode repousar sobre um pseudo-pé, destinado a estabilizar o vaso, dotando-o de uma certa elegância.

Em Lattes, os copos desta forma encontraram-se em níveis datados do segundo, terceiro e quarto quartéis do século I a.C. (Py, Adroher Auroux e Sánchez, 2001, p. 1553; Passelac, 1993, p. 513), cronologia que confirma os dados de Ampúrias (75-50 a.C.) e Badalona (50-1 a.C.), na Península Ibérica (Sanmartí, 1983; López Mullor, 1981, respectivamente)

As escavações da Alcáçova de Santarém permitiram recolher 22 fragmentos passíveis de integração nesta forma. Os seus contextos arqueológicos de recolha são vários. O fragmento 7310 provém de um nível tardo republicano, onde, para além desta peça foram recolhidos o fragmento da Forma 1 (7317) e ainda outros da 2B, da 3A, da 3B, da 8, acompanhados por cerâmicas campanienses A, B e B-óide e ânforas da Classe 32, Haltern 70 e Dressel 1. Os que provêm das

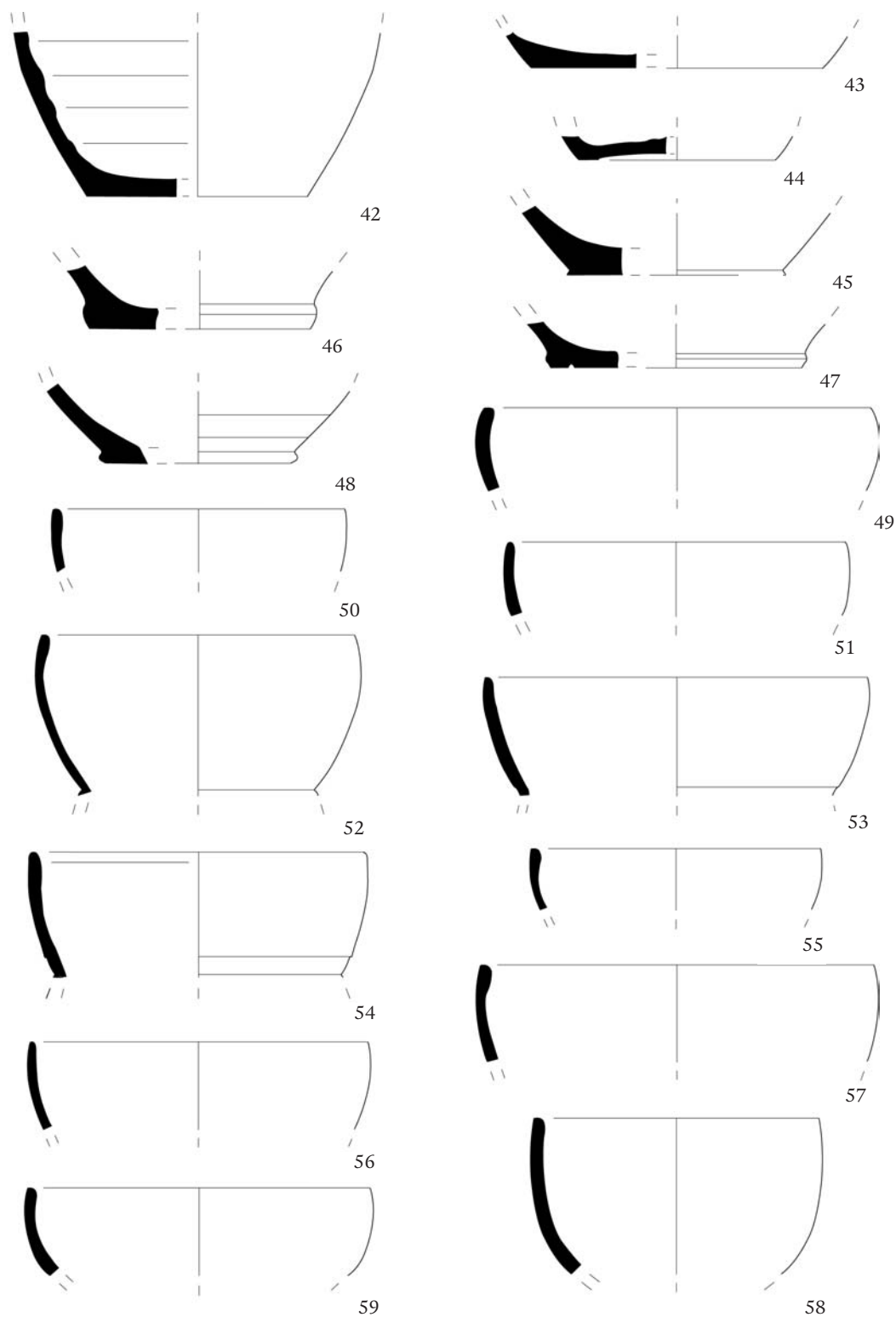


Fig. 6 Par-Fin 2D (42 a 43), Par-Fin 3 (44 a 48), Par-Fin 3.1 (49 a 59). Escala 1:1.

UE 643 e 263 provam que a forma estava ainda em utilização durante o reinado de Augusto, uma vez que juntamente com outros fragmentos de paredes finas, nomeadamente da Forma 2B, foi reconhecida a presença de *terra sigillata* itálica. A maioria dos fragmentos *scallabitanos* (17 em 22) integra-se no que foi definido por Fabrico I.

Em Portugal, a forma 3.1 não parece constar dos conteúdos dos inventários, apesar de alguns exemplares de Conímbriga terem sido assim classificados (Alarcão et al., 1976, p. 28, Planche V). De facto, a forma geral do corpo destes sugere um copo alto, independentemente de os bordos não se enquadrarem nos tipos canónicos da investigadora francesa, aproximando-se mais da sua forma VIII.

- 10429 - Fig. 6, n.º 49** (1997); Q18; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.
- 7310 - Fig. 6, n.º 50** (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 61 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.
- 25523 - Fig. 6, n.º 51** (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.
- 7269 - Fig. 6, n.º 52** (1989); C8; U.E.: 13; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 66 mm; altura: 33 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 25522 - Fig. 6, n.º 53** (1999); 1B; U.E.: 263; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.
- 7513 - Fig. 6, n.º 54** (1994-95); Q15-17W; U.E.: 5; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 26 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.
- 9861 - Fig. 6, n.º 55** (1997); Q19; U.E.: 9; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 61 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico Ie.
- 9319 - Fig. 6, n.º 56** (1995); Mur. T1; U.E.: 2; 1 de fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 25560 - Fig. 6, n.º 57** (2001); 2; U.E.: 48; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 82 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Id.
- 25577 - Fig. 6, n.º 58** (2001); 2; U.E.: 195; 4 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 59 mm; altura: 32 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ie.
- 25578 - Fig. 6, n.º 59** (2001); 2; U.E.: 180/205; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 5684 - Fig. 7, n.º 60** (1989); CVIII 8; U.E.: 23; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 33 mm; altura: 19 mm; espessura média da parede: 3 mm. Apresenta decoração. Fabrico Ia.

7284 - Fig. 7, n.º 61 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de fundo; diâmetro de fundo: 30 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico If.

7522 - Fig. 7, n.º 62 (1994-95); Q14-17E; U.E.: 5; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico If.

7278 - Fig. 7, n.º 63 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 36 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

8700 - Fig. 7, n.º 64 (1994-95); Q23; U.E.: 3; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 30 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.

7536 - Fig. 7, n.º 65 (1995); Mur. T.1; U.E.: 3a; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 34 mm; altura: 23 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.

25524 - Fig. 7, n.º 66 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 41 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico If.

25558 - Fig. 7, n.º 67 (2001); 02; U.E.: 120; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

7519 - Fig. 7, n.º 68 (1994/95); Q30; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

7516 - Fig. 7, n.º 69 (1994/95); Q14-17W; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 47 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.

7264 - Fig. 7, n.º 70 (1988); B; U.E.: 7; 3 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 33 mm; altura: 40 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.

2.3.1.3.2. *A Forma 3A*

A variante A da Forma 3 é muito semelhante, ao nível do perfil e da forma geral, à variante B, apenas se distinguindo dela pela existência de duas asas caneladas.

A classificação dos 4 exemplares de Santarém nesta forma assenta na canelura sob o bordo do n.º 5711 (típica desta variante) e nos fundos, que são largos, ligeiramente côncavos e apresentam um pequeno pé.

Os contextos arqueológicos de recolha apontam para uma cronologia geral do século I a.C., sobretudo da segunda metade — Ampúrias (López Mullor, 1981) e Pollentia (Arribas, Tarradel e Woods, 1973), na Península Ibérica, ou Cosa (Marabini, 1973) e Vieille Toulouse (Muller, 1977, *apud* López Mullor, 1981). Há, no entanto dados que permitem supor que a forma estava ainda em utilização nos primeiros decénios da Era, nomeadamente em Corinto e em Atenas (Robinson, 1959).

Em Santarém, apenas 4 fragmentos foram integrados nesta forma, correspondendo a quatro vasos distintos. Infelizmente, apenas um exemplar foi recolhido em contexto primário de ocupação. Trata-se do fundo n.º 5682 proveniente de nível datado entre 50 e 30 a.C., onde estava acompanhado por outros materiais com esta cronologia.

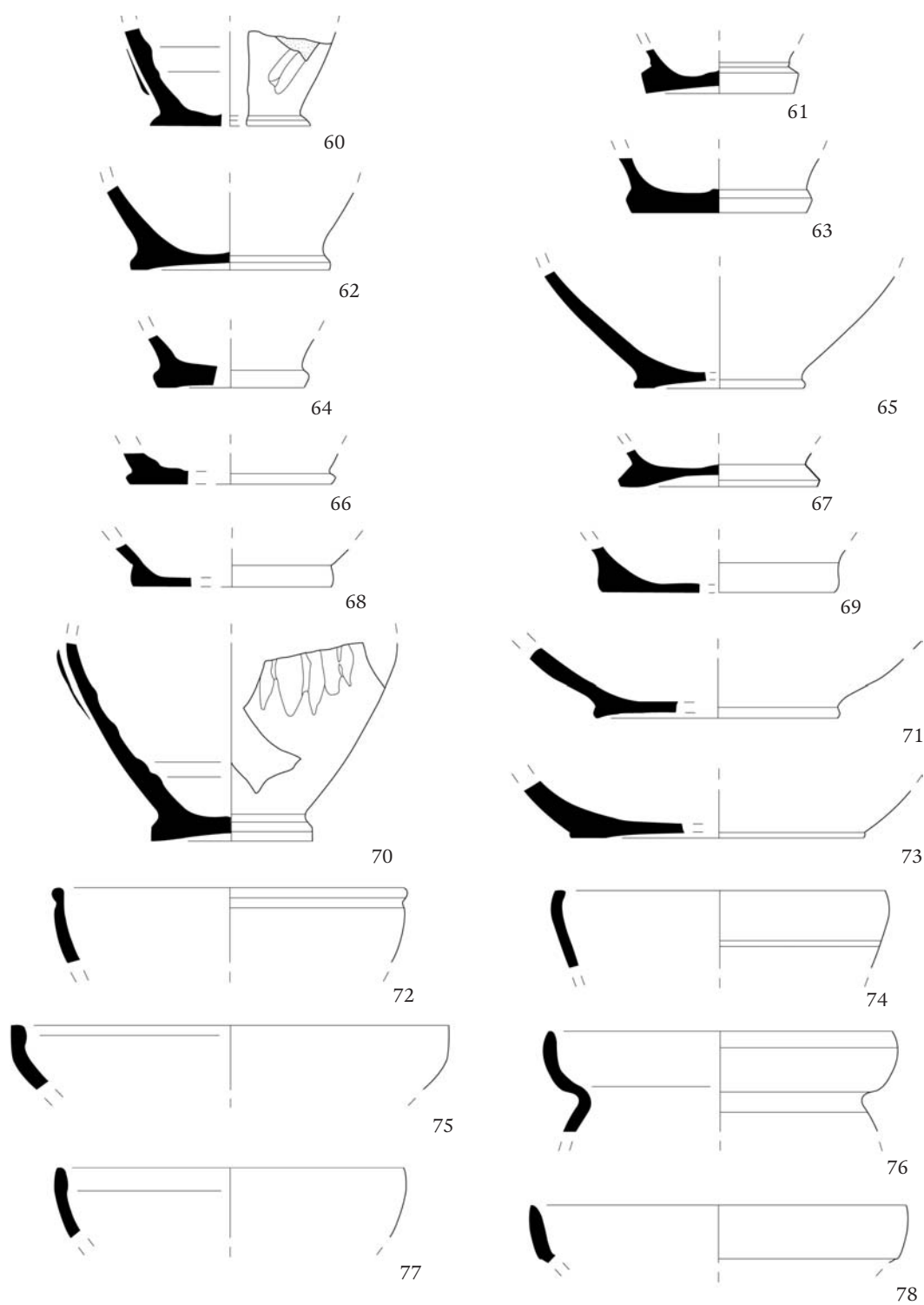


Fig. 7 Par-Fin 3.1 (60 a 70), Par-Fin 3A (71 a 74), Par-Fin 3B (75 a 78). Escala 1:1.

Tal como a Forma 3.1, esta variante parece estar ausente do território actualmente português.

7263 - Fig. 7, n.º 71 (1994/95); Q1; U.E.: 6a; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 49 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

5711 - Fig. 7, n.º 72 (1989); C7; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.

5682 - Fig. 7, n.º 73 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 59 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico II.

12912 - Fig. 7, n.º 74 (1997); Q 05; U.E.: 5; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 67 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VIII.

2.3.1.3.4. A Forma 3B

Este sub-tipo caracteriza-se por ser uma versão mais baixa da forma 3.1. É um vaso baixo, de perfil toneliforme, com um fundo largo e sem pé. O bordo é mais curto e menos encurvado que nas restantes variantes da forma 3.

Corresponde à forma VI de Marabini e a sua cronologia tem vindo a ser discutida. De facto, e apesar de Françoise Mayet (1975, p. 30) ter proposto o reinado de Augusto como momento da produção e difusão desta forma, o certo é que há dados que permitem fazer alargar a sua cronologia, sendo de admitir que possa ter começado a produzir-se ainda durante o século I a.C., talvez em meados. Dos dados de Lattes (Py, Adroher Auroux e Sánchez, 2001, p. 1555), de Ampúrias (Almagro, 1965, p. 172) e mesmo dos acampamentos augustanos do Limes Germânico, onde a forma está ausente (Vegas, 1973, p. 65), parece possível deduzir esta datação.

Em Santarém, recolheram-se 31 fragmentos que permitem avançar com dados sobre a problemática da cronologia desta forma. Com efeito, tanto os que são provenientes da UE 7 do sector B, escavado em 1988, como os que foram encontrados na UE 688 de 2000, 169 de 2001, e, em 1997, em Q. 18, UE 9 têm uma cronologia claramente republicana, que podemos colocar em meados do século I a.C. No entanto, a utilização da forma ainda durante o reinado de Augusto também ficou comprovada, nomeadamente através da sua presença nas Ues 239, 129 e 643 de 1999/2000.

Julgámos poder reconhecer a mesma forma nas Mesas do Castelinho, no fragmento publicado por Carlos Fabião (1998, p. n.º 7 da Estampa 99).

25537 - Fig. 7, n.º 75 (1999); 1B; U.E.: 239; 1 de fragmento: bordo; diâmetro de bordo: 89 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico V.

25573 - Fig. 7, n.º 76 (2001); 2; U.E.: 169; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 69 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ie.

7311 - Fig. 7, n.º 77 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

25589 - Fig. 7, n.º 78 (2000); 1A; U.E.: 640; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 76 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico VI.

- 7529 - Fig. 8, n.º 79** (1994/95); Q2; U.E.: 2; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 67 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.
- 25521 - Fig. 8, n.º 80** (2000); 1A; U.E.: 129; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 88 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.
- 3495 - Fig. 8, n.º 81** (1994-95); Q12 bq E; U.E.: 6; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 72 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.
- 3501 - Fig. 8, n.º 82** (1994-95); Q11 bq S; U.E.: 32; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 90 mm; altura: 36 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VI.
- 5728 - Fig. 8, n.º 83** (1987); I14; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 78 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.
- 25518 - Fig. 8, n.º 84** (2000); 1A; U.E.: 688; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 74 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico VI.
- 25519 - Fig. 8, n.º 85** (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 7266 - Fig. 8, n.º 86** (1988); B; U.E.: 7; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 68 mm; altura: 19 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico V.
- 9888 - Fig. 8, n.º 87** (1997); Q19; U.E.: 8; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 60 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.
- 25514 - Fig. 8, n.º 88** (1988); B; U.E.: 7; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 88 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico Ic.
- 25562 - Fig. 8, n.º 89** (2001); 2; U.E.: 178; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 105 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Id.
- 25559 - Fig. 8, n.º 90** (2001); 2; U.E.: 169; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ie.
- 7281 - Fig. 8, n.º 91** (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 4 mm. Fabrico Ib.
- 25517 - Fig. 8, n.º 92** (1999); 1B; U.E.: 238; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.
- 5680 - Fig. 8, n.º 93** (1989); C7; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 52 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.

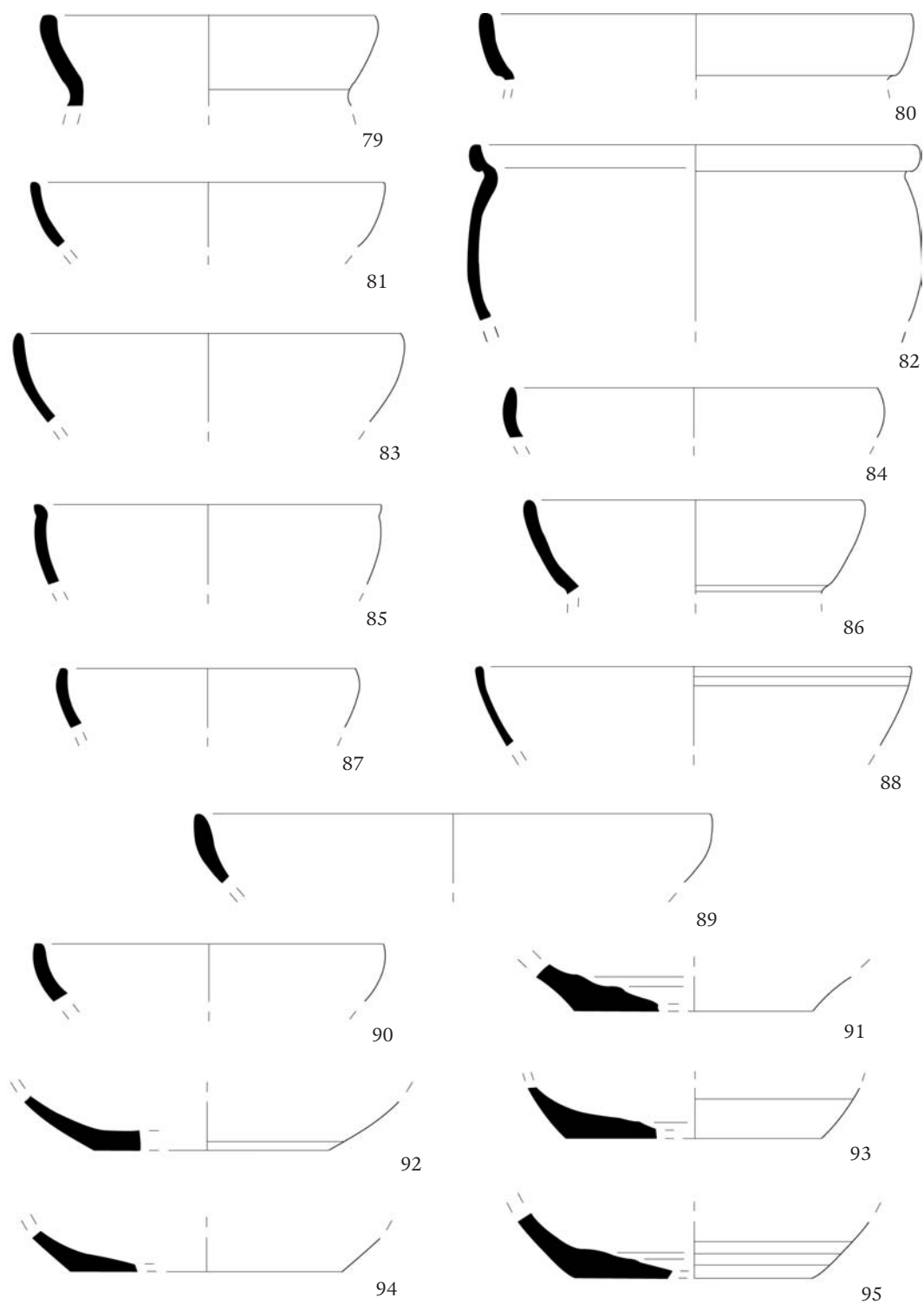


Fig. 8 Par-Fin 3B (79 a 95). Escala 1:1.

7540 - Fig. 8, n.º 94 (1994-95); Q23; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 55 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.

1896 - Fig. 8, n.º 95 (1989); C8; U.E.: 13; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

8991 - Fig. 9, n.º 96 (1994-95); Q30; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 52 mm; altura: 27 mm; espessura média da parede: 52 mm. Fabrico VI.

25520 - Fig. 9, n.º 97 (2000); 1B; U.E.: 252; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 53 mm; altura: 5 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico VIII.

10096 - Fig. 9, n.º 98 (1997); Q18; U.E.: 9; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 62 mm; altura: 5 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico If.

25546 - Fig. 9, n.º 99 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

3964 - Fig. 9, n.º 100 (1985); C1 F16; U.E.: 2d; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

15490 - Fig. 9, n.º 101 (2000); 1A; U.E.: 250; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 54 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico If.

4067 - Fig. 9, n.º 102 (1989); C IX 17; U.E.: 4; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 61 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ib.

13085 - Fig. 9, n.º 103 (1997); Q5; U.E.: 13; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 49 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico VIII.

12915 - Fig. 9, n.º 104 (1997); Q5; U.E.: 5; 3 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VIII.

25580 - Fig. 9, n.º 105 (2001); 2; U.E.: 117; 4 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 65 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico Ia.

2.3.1.4. A Forma 8

Os vasos da Forma 8 caracterizam-se por possuir bordos altos e corpos baixos e globulares que repousam sobre um pequeno pé.

A forma, em todas as suas variantes, é relativamente rara em contextos exteriores à Península Ibérica e mesmo aqui a sua presença é significativa apenas na Andaluzia. Com efeito, não são conhecidos exemplares destes copos nem em Cosa, nem em Lattes, estando a sua presença na Catalunha documentada por dois únicos exemplares (López Mullor, 1981, p. 246). Esta circunstância não facilitou a atribuição de parâmetros cronológicos, tendo Françoise Mayet (1975,

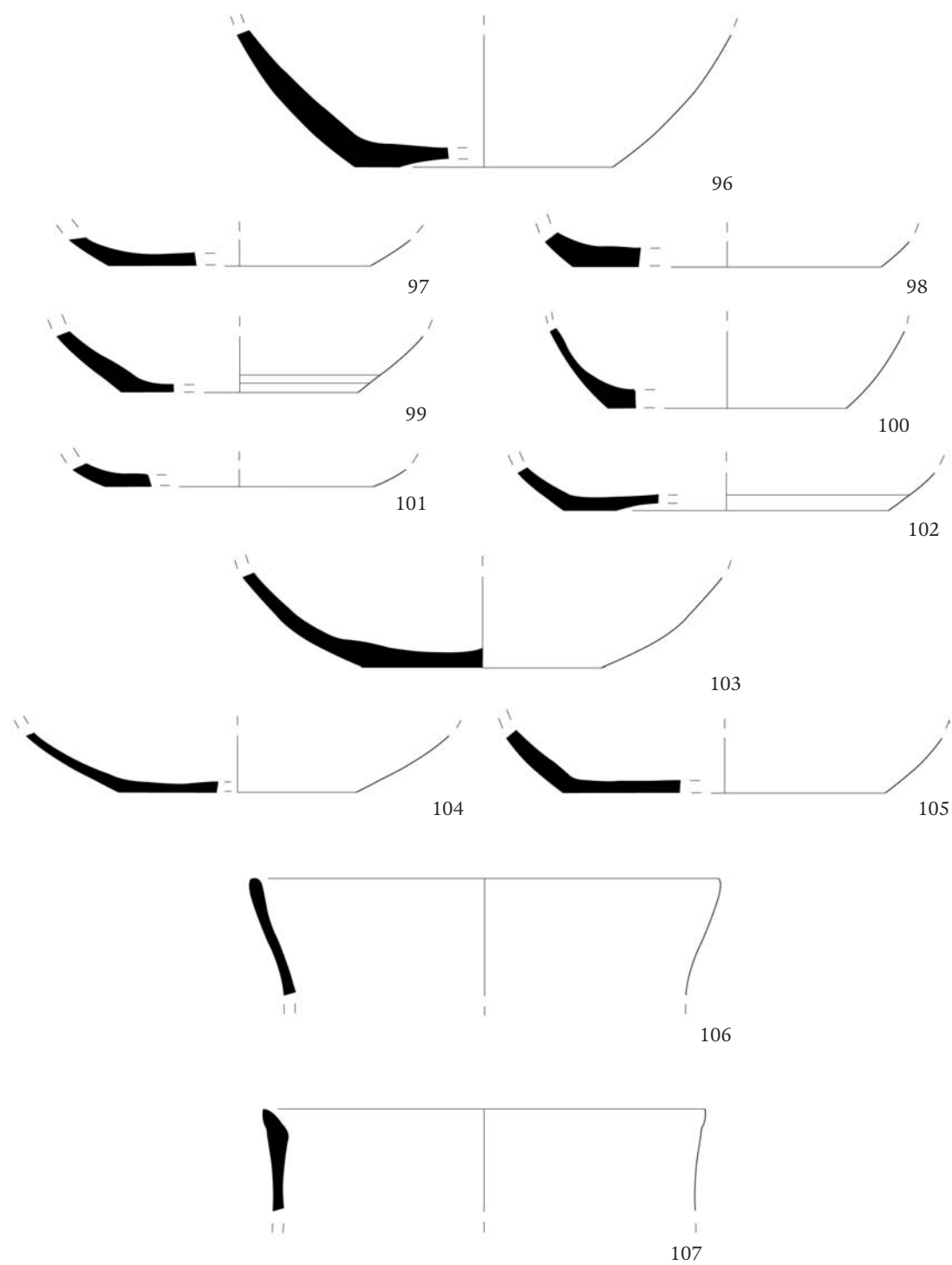


Fig. 9 Par-Fin 3B (96 a 105), Par-Fin 8 (106 a 107). Escala 1:1.

p. 39) admitido uma utilização durante a época republicana, mais concretamente durante a segunda metade do século I a.C.

2.3.1.4.1. A forma 8

Em Santarém, recolhemos 5 bordos e um fundo que integrámos, com muitas reservas, na Forma 8. Trata-se de vasos de bordo muito alto (maior que o corpo) e vertical, com corpo curto e ovóide e fundos com pé destacado.

Os contextos de proveniência de dois dos exemplares *scallabitanos* (7309 e 25505) comprovam que estes fragmentos foram importados em época republicana, (meados do século I a.C.). No entanto, há também dados (UE 232, 643) que evidenciam a sua utilização até ao principado de Augusto.

Em Portugal a forma não se encontra, por ora, registada.

7309 - Fig. 9, n.º 106 (1988); B; U.E.: 7; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 96 mm; altura: 24 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

25505 - Fig. 9, n.º 107 (2000); 1A; U.E.: 688; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 90 mm; altura: 21 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

25508 - Fig. 10, n.º 108 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 88 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ie.

25513 - Fig. 10, n.º 109 (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 90 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

25510 - Fig. 10, n.º 110 (1999); 1 C; U.E.: 232; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 95 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.

7528 - Fig. 10, n.º 111 (1994/95); Q14/17; U.E.: 8; 1 fragmento bojo/fundo; diâmetro de fundo: 61 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico V.

2.3.1.4.2. A Forma 8 B

Os copos da Forma 8 B diferenciam-se pela orientação do bordo, agora claramente oblíquo, e pela sua menor dimensão. Os pés são substituídos por um fundo côncavo.

Apenas três fragmentos de Santarém puderam ser incluídos nesta variante da Forma 8, e ainda com muitas reservas.

Também neste caso, não há registo do seu aparecimento em território português.

5698 - Fig. 10, n.º 112 (1989); CVIII Q8; U.E.: 146; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico III.

5705 - Fig. 10, n.º 113 (1985); C1 G18; U.E.: 3; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

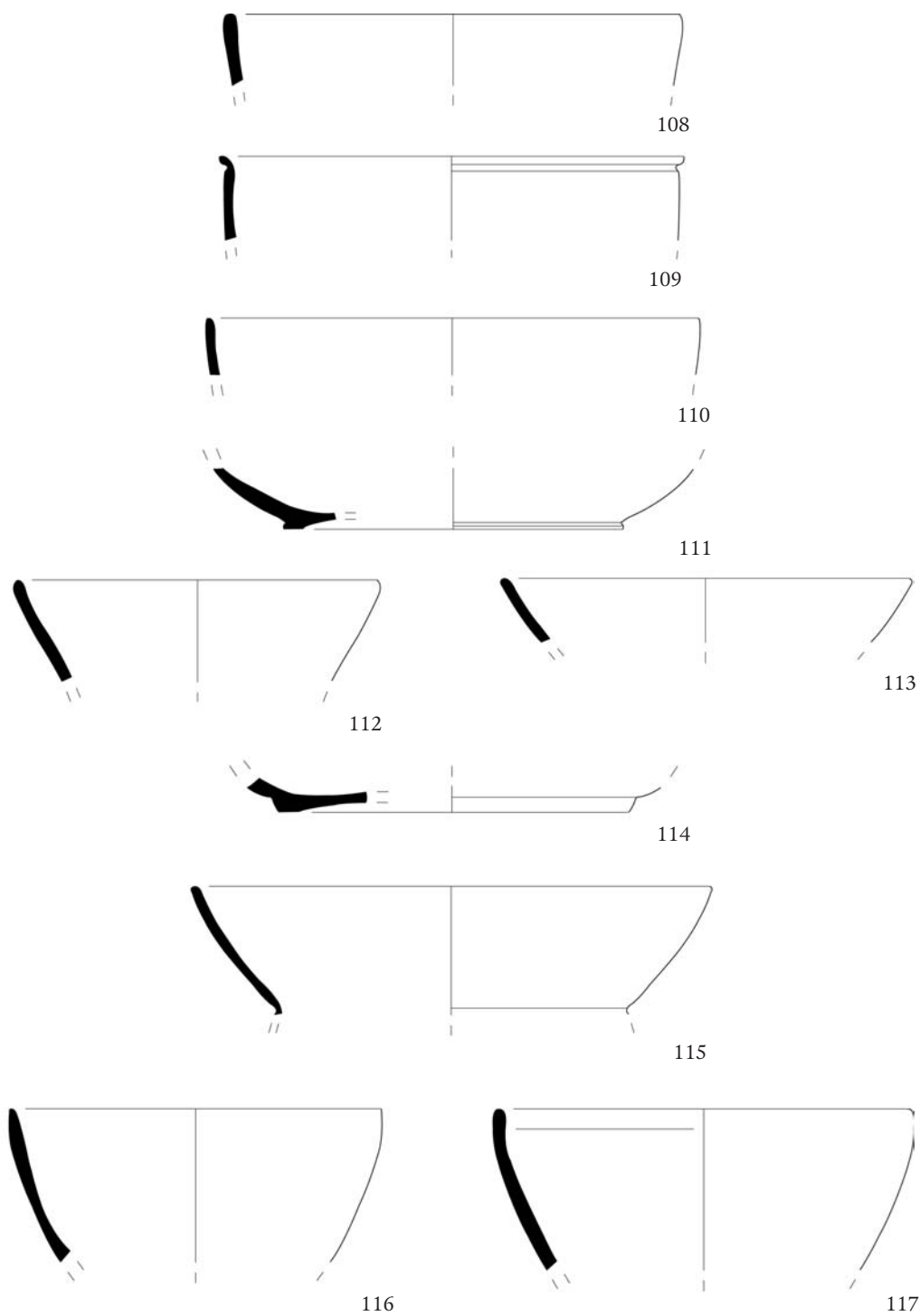


Fig. 10 Par-Fin 8 (108 a 111), Par-Fin 8B (112 a 114), Par-Fin 8C (115 a 117). Escala 1:1.

12906 - Fig. 10, n.º 114 (1997); Q5; U.E.: 5; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 68 mm; altura: 5 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

2.3.1.4.3. Forma 8 C

A forma 8C corresponde a um tipo de vasos de corpo globular, com bordos altos e convexos. Os fundos, a maior parte das vezes munidos de um pequeno pé, são côncavos ou plano-concâvos.

Estes vasos são relativamente abundantes na Península Ibérica, particularmente na Andaluzia, mas os dados sobre a cronologia da sua produção e utilização não abundam. A proposta de Françoise Mayet sobre uma data pré-augustana (1975, p. 39) reúne, no entanto, algum consenso (López Mullor, 1981, p. 245), apesar de sempre ter havido dados que permitiam pensar que a forma chegou ao principado (López Mullor, 1981, p. 245).

Em Santarém, a forma é muito abundante (43 fragmentos). Apesar de muitos dos fragmentos não serem, estratigraficamente, seguros, o certo é que alguns dos exemplares foram recolhidos em contextos primários de ocupação o que fornece preciosas indicações sobre a cronologia desta forma. Assim, se parece claro que este tipo de vaso foi importado ainda durante a república (por exemplo n.º 24047), o certo é que a grande maioria dos fragmentos de Santarém foram recolhidos em níveis arqueológicos onde as importações de *terra sigillata* itálica estão já presentes.

Em Portugal, a sua presença está documentada em Braga (Morais, 1997: Estampa XXV, 4,5 e 6), e em Torre d'Ares (Nolen, 1993, p. Est. 8, pf2). Podemos também adiantar que estes vasos são muito abundantes nos níveis tardo-republicanos do Castelo de Castro Marim (materiais em estudo), sendo importante, do ponto de vista cronológico, registar aqui a sua ausência nas Mesas do Castelinho e no Cabeço de Vaiamonte (Fabião, 1998).

5701 - Fig. 10, n.º 115 (1987); C4 J13; 3 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 102 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico II.

5702 - Fig. 10, n.º 116 (1989); C 7; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 73 mm; altura: 30 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.

7268 - Fig. 10, n.º 117 (1989); C 7; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 31 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.

5714 - Fig. 11, n.º 118 SUPERFÍCIE; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 90 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico Ie.

8230 - Fig. 11, n.º 119 (1994-95); Q1; U.E.: 17; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 99 mm; altura: 27 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Id.

7277 - Fig. 11, n.º 120 (1989); C 8; U.E.: 14; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 96 mm; altura: 34 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico Ia.

25534 - Fig. 11, n.º 121 (1999); 1B; U.E.: 238; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 77 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

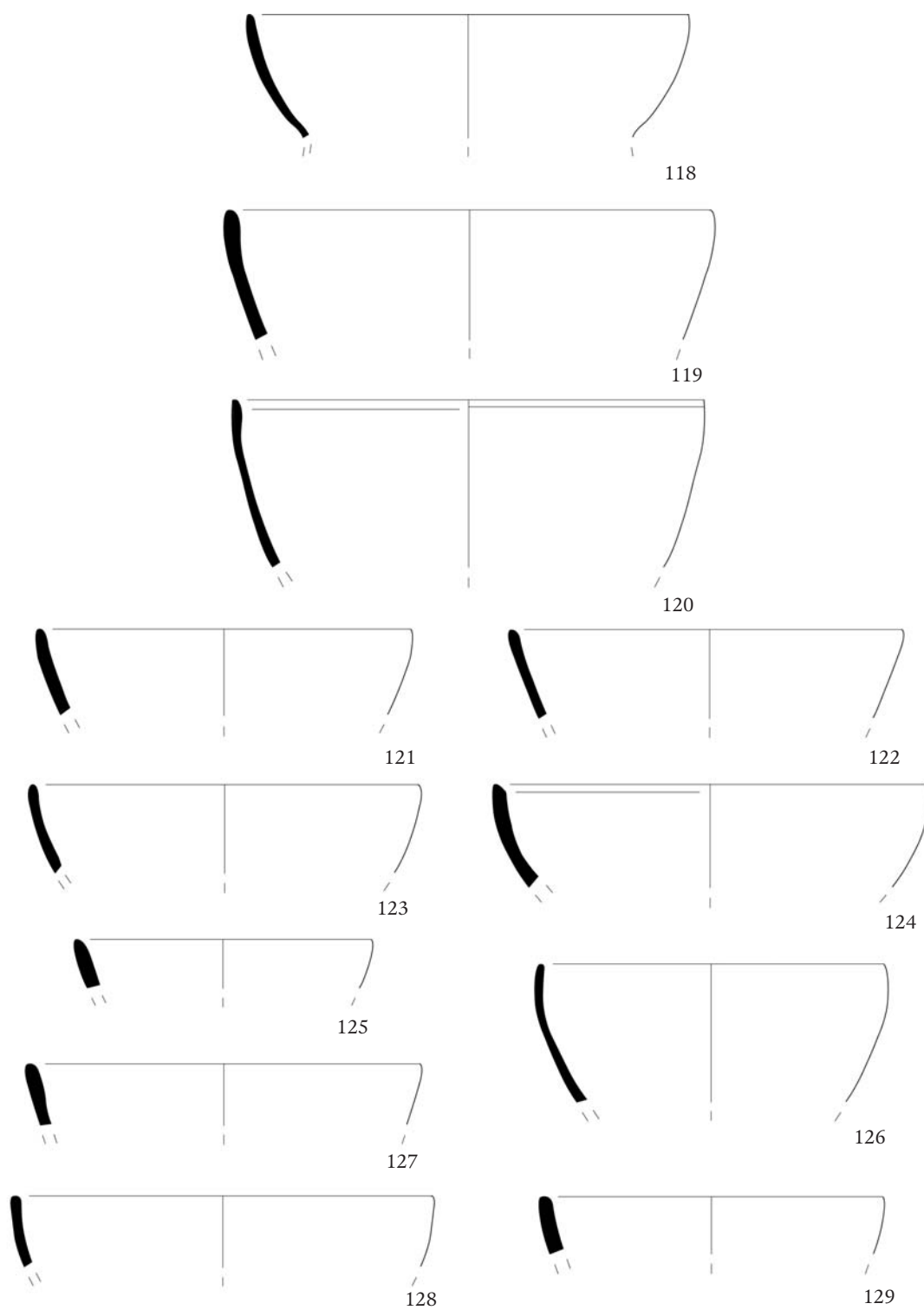


Fig. 11 Par-Fin 8C (118 a 129). Escala 1:1.

- 25531 - Fig. 11, n.º 122** (2000); 1B; U.E.: 131; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 5710 - Fig. 11, n.º 123** (1989); C VIII; U.E.: 6; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico Ie.
- 14820 - Fig. 11, n.º 124** (192/93); S2; U.E.: 30; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 88 mm; altura: 21 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.
- 25532 - Fig. 11, n.º 125** (2000); 1A; U.E.: 688; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 60 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.
- 13578 - Fig. 11, n.º 126** (1997); Q9; U.E.: 1; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 28 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico Ie.
- 25507 - Fig. 11, n.º 127** (1999); 1B; U.E.: 129; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ic.
- 6328 - Fig. 11, n.º 128** (1985); C1 F15; U.E.: 3b; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.
- 13075 - Fig. 11, n.º 129** (1997); Q5; U.E.: 13; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico VIII.
- 13100 - Fig. 12, n.º 130** (1997); Q5; U.E.: 13; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VIII.
- 12164 - Fig. 12, n.º 131** (1997); Q3; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 73 mm; altura: 24 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VIII.
- 25556 - Fig. 12, n.º 132** (2001); 2; U.E.: 128; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 60 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.
- 25574 - Fig. 12, n.º 133** (2001); 2; U.E.: 93; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 72 mm; altura: 24 mm; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico Ic.
- 25515 - Fig. 12, n.º 134** (1999); 1C; U.E.: 137; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ie.
- 25576 - Fig. 12, n.º 135** (2001); 2; U.E.: 153; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 60 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ic.
- 13412 - Fig. 12, n.º 136** (1997); Q7; U.E.: 4; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Id.

25561 - Fig. 12, n.º 137 (2001); 2; U.E.: 138; 1 fragmento d bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico Id.

25579 - Fig. 12, n.º 138 (2001); 2; U.E.: 93; 4 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 22 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Id.

3503 - Fig. 12, n.º 139 (1994/95); Q34; U.E.: 2; 3 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 44 mm; altura: 24 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico VI.

7533 - Fig. 12, n.º 140 (1994/95); SUP.; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 11 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

9247 - Fig. 12, n.º 141 (1994/95); Q11 b.s.; U.E.: 32 b; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 56 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ie.

4555 - Fig. 12, n.º 142 (1987); C4 I14; U.E.: 3; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 56 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

7507 - Fig. 12, n.º 143 (1995); MUR.; U.E.: 1 b; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 49 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

7271 - Fig. 12, n.º 144 (1984); C1 H17; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 53 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 1 mm. Fabrico If.

25500 - Fig. 12, n.º 145 (1999); 1B; U.E.: 238; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 50 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico III.

5685 - Fig. 12, n.º 146 (1989); C 8; U.E.: 12; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 44 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

8183 - Fig. 12, n.º 147 (1994/95); Q13; U.E.: 15; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 30 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico III.

25536 - Fig. 12, n.º 148 (1999); 1B; U.E.: 232; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 49 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ic.

7521 - Fig. 13, n.º 149 (1994/95); Q14/17; U.E.: 3 b; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 50 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

25535 - Fig. 13, n.º 150 (2000); 1B; U.E.: 109; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 54 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico Ib.

25533 - Fig. 13, n.º 151 (1999); 1B; U.E.: 263; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 43 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico V.

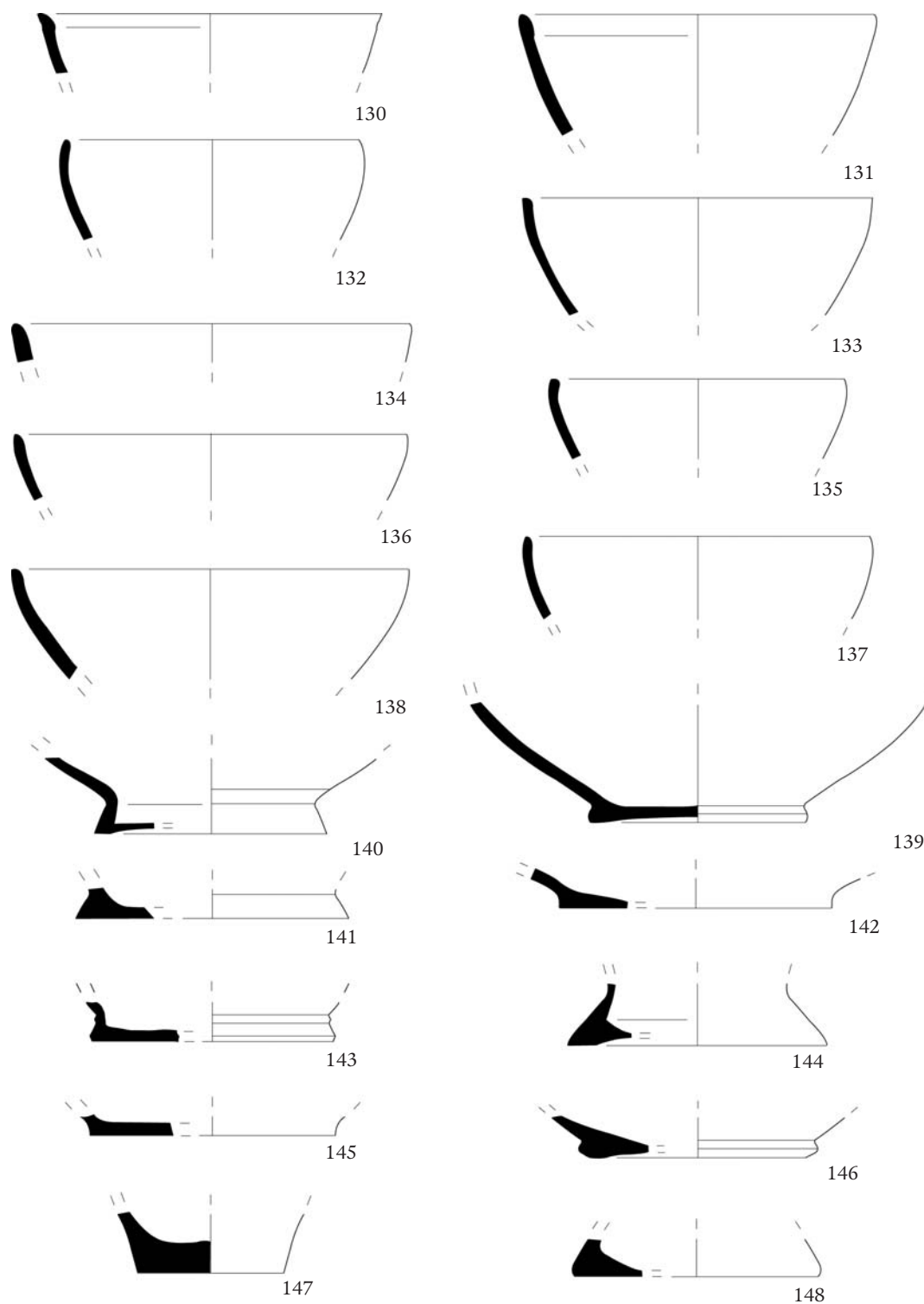


Fig. 12 Par-Fin 8C (130 a 148). Escala 1:1.

8227 - Fig. 13, n.º 152 (1994/95); Q30; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 62 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ie.

5766 - Fig. 13, n.º 153 (1989); C 7; U.E.: 4 b; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico Ia.

7532 - Fig. 13, n.º 154 (1994/95); Q14-17E; U.E.: 14; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 59 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

25547 - Fig. 13, n.º 155 (2001); 2; U.E.: 108; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 55 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.

7531 - Fig. 13, n.º 156 (1994/95); Q14/17W; U.E.: 5; 8 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 51 mm; altura: 52 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ia.

12848 - Fig. 13, n.º 157 (1997); Q5; U.E.: 0A; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 45 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico V.

2.3.1.5. A Forma 9

As taças da forma 9, que repousam sobre um pé alto e moldurado, caracterizam-se também pelas duas asas que arrancam do bordo.

Sendo consensual que a forma se inspira nos modelos metálicos de época helenística, a sua produção e comercialização é ainda relativamente controversa. De facto, se Mayet presume uma cronologia centrada entre o final da república e o principado de Augusto (Mayet, 1975, p. 42), o certo é que o seu aparecimento no naufrágio de Madrague les Giens (Tchernia et al., 1978, p. 17) implica a sua utilização no segundo quartel do século I a.C., facto que corrobora afinal os resultados obtidos em Cosa (Marabini, 1973, p. 88), onde este tipo de vaso aparece em contextos datados entre o 1.º e o 3.º quartéis do século I a.C.

Em Santarém, foram encontrados 6 fragmentos desta forma. As peças 7265 e 5699 foram recuperadas num contexto republicano, onde estavam acompanhadas por ânforas Dressel 1, Maña C2, e campaniense B-öide. Dos seis exemplares recuperados, cinco pertencem ao mesmo Fabrico (I).

A forma, abundante na área do Mediterrâneo Ocidental, está também ausente do conteúdo dos inventários portugueses conhecidos, sendo de registar que a sua presença no sítio do Tejo é igualmente pouco numerosa. Podemos adiantar que no Castelo de Castro Marim, a forma é conhecida, mas o número de exemplares identificados é também reduzido.

7265 - Fig. 13, n.º 158 (1989); C 8; U.E.: 14; 1 fragmento de bordo/asa; diâmetro de bordo: 106 mm; altura: 12 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

5699 - Fig. 14, n.º 159 (1989); C 8; U.E.: 12; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 101 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico If.

5712 - Fig. 14, n.º 160 (1983); C1 G18; U.E.: 3; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 119 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

25548 - Fig. 14, n.º 161 (2001); 2; U.E.: 13; 1 fragmento de bordo/asa; diâmetro de bordo: 135 mm; altura: 19 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ie.

25555 - Fig. 14, n.º 162 (2001); 2; U.E.: 13; 1 fragmento de pé; diâmetro de fundo: 70 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.

5706 - Fig. 14, n.º 163 (1987); C4 I14; U.E.: 4; 1 fragmento de pé; diâmetro de fundo: 82 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ia.

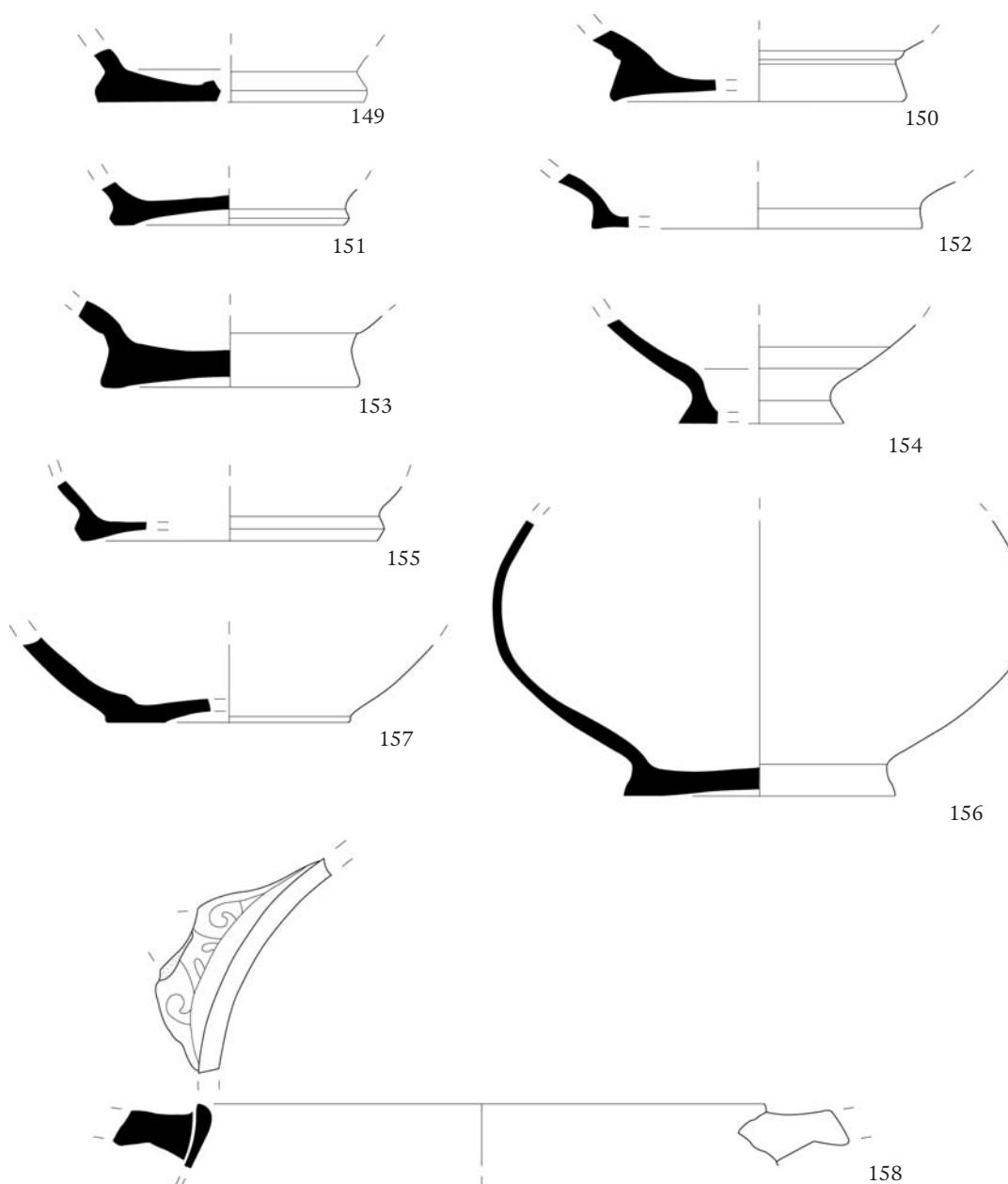


Fig. 13 Par-Fin 8C (149 a 157), Par-Fin 9 (158). Escala 1:1.

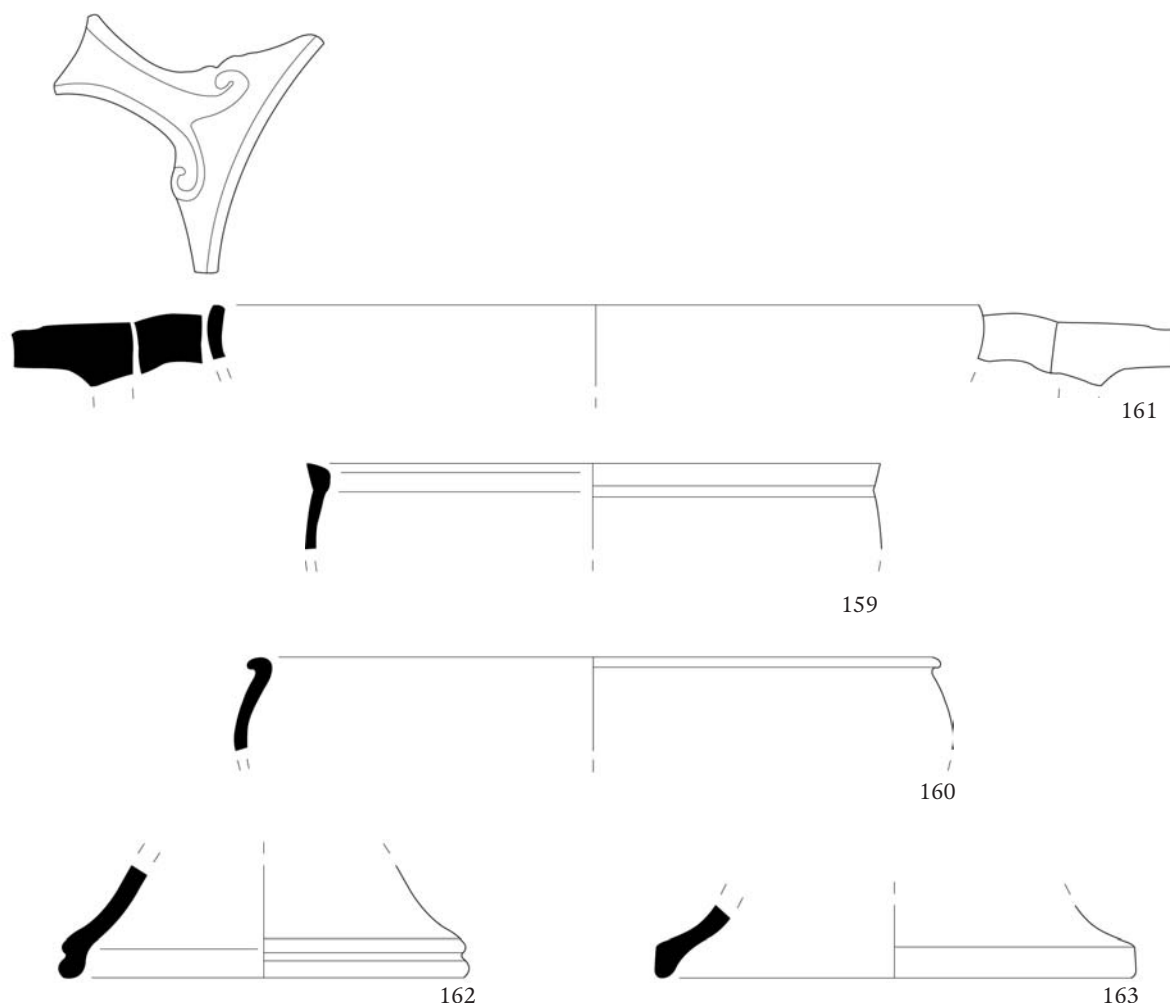


Fig. 14 Par-Fin 9 (159 a 163). Escala 1:1.

2.3.1.6. A Forma 10

A forma 10 corresponde a uma taça munida de duas asas e foi dividida em quatro variantes (Mayet, 1975, p. 44-45). À semelhança do que se passa com a Forma 9, parece inspirar-se nos vasos metálicos e juntamente com ela estabelece uma ruptura significativa na morfologia dos recipientes destinados ao consumo de líquidos, abrindo assim caminho para um novo tipo de formas que se iniciam a partir do reinado de Tibério, época a partir da qual predominam as formas abertas.

Estas taças, cuja produção se iniciou na primeira metade do século I a.C., como se prova pela estratigrafia de Cosa e de Toulouse (Mayet, 1975, p. 44-45), são ainda comercializadas em pleno reinado de Augusto. Em Lattes (Py, Adroher Auroux e Sánchez, 2001, p. 1156-1157), foram recolhidas em contextos da 2^a metade do século I a.C.

Com muitas reservas, classificámos oito fragmentos como pertencentes a esta Forma, não nos atrevendo, contudo a estabelecer uma qualquer variante específica. Um outro foi, com segurança integrado nesta categoria formal (25587).

Também em Santarém, e tal como se verificou para a Forma 9, se comprova a sua importação ainda durante a plena época republicana. É o caso dos fragmentos n.ºs 25535, 12141, 25499, provenientes de níveis onde não existem materiais augustanos.

Também neste caso, é de salientar o desconhecimento destas taças em território actualmente português.

- 11776 - Fig. 15, n.º 164** (1997); Q2; U.E.: 2; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 113 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico III.
- 25553 - Fig. 15, n.º 165** (2001); 2; U.E.: 159; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 90 mm; altura: 26 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.
- 25588 - Fig. 15, n.º 166** (2000); 1A; U.E.: 680; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.
- 25587 - Fig. 15, n.º 167** (2000); 1A; U.E.: 669; 1 fragmento de bojo/asa; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico Ib.
- 7523 - Fig. 15, n.º 168** (1994/95); Q27; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 62 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico V.
- 13342 - Fig. 15, n.º 169** (1997); Q7; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 60 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.
- 12141 - Fig. 15, n.º 170** (1997); Q3; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 7 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico VI.
- 7509 - Fig. 15, n.º 171** (1994/95); Q23; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 55 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.
- 9264 - Fig. 15, n.º 172** (1994/95); Q11 B5; U.E.: 32 b; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 59 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico Ib.
- 25499 - Fig. 15, n.º 173** (2000); 1A; U.E.: 643; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 50 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

2.3.1.7. *A forma 14*

Esta forma consiste num vaso alto, de formato cilíndrico e parede praticamente vertical, que se apoia, geralmente, num fundo plano.

Escassos são os dados que permitam a atribuição de um valor cronológico a esta produção. As características externas dos exemplares estudados por Françoise Mayet levaram-na a propor uma cronologia augustana. A sua proposta parece ser corroborada pelo estudo de exemplares da mesma forma na Catalunha, efectuado por López Mullor. A estratigrafia de Calella, Badalona e Ampúrias atesta a presença desta categoria nos últimos decénios do séc. I a.C, estendendo-se possivelmente, até inícios da centúria seguinte (López Mullor, 1981, p. 273).

Em Santarém, recolheram-se apenas dois exemplares integráveis nesta categoria, também integrado estratigraficamente num nível alto imperial.

25512 - Fig. 15, n.º 174 (1999); 1B; U.E.: 129; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 73 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

25585 - Fig. 15, n.º 175 (1999); 1C; U.E.: 331; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 83 mm; altura: 26 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

2.3.1.8. *A forma 14 A*

Esta variante da Forma 14 define-se essencialmente pela curvatura do bordo, agora ligeiramente oblíquo, e pelo formato mais encurvado da pança. No que diz respeito à sua cronologia, os dados e questões são idênticos aos da forma imediatamente anterior.

Em Santarém, recolheram-se três fragmentos que classificámos como pertencentes a esta variante (dois bordos e um fundo), todos recolhidos em níveis alto imperiais.

9245 - Fig. 15, n.º 176 (1994/95); Q12; U.E.: 6; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico II.

25506 - Fig. 15, n.º 177 (2000); 1B; U.E.: 109; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 68 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico Ib.

8176 - Fig. 15, n.º 178 (1994/95); Q12; U.E.: 6 b.e.; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 53 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico VII.

2.3.1.9. *A Forma 21*

Este tipo engloba vasos globulares, de colo vertical, que terminam num pequeno lábio, inclinado para o exterior, e repousam sobre um pequeno pé.

A forma parece datar do período augustano, cronologia que ficou confirmada pelos contextos de recolha dos vasos de Cosa e de Badalona, por exemplo (López Mullor, 1981, p. 293).

Os quatro fragmentos integráveis nesta forma recolhidos na Alcáçova de Santarém pertenciam a níveis alto imperiais, concretamente auguto-tiberianos.

7506 - Fig. 15, n.º 179 (1994/95); Q14/17W; U.E.: 5; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 60 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

7267 - Fig. 15, n.º 180 (1989); C VIII 08; U.E.: 17; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

5700 - Fig. 16, n.º 181 (1989); C VIII 08; U.E.: 17; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 71 mm; altura: 30 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

6306 - Fig. 16, n.º 182 (1985); C1 F15; U.E.: 3b; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 68 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico II.

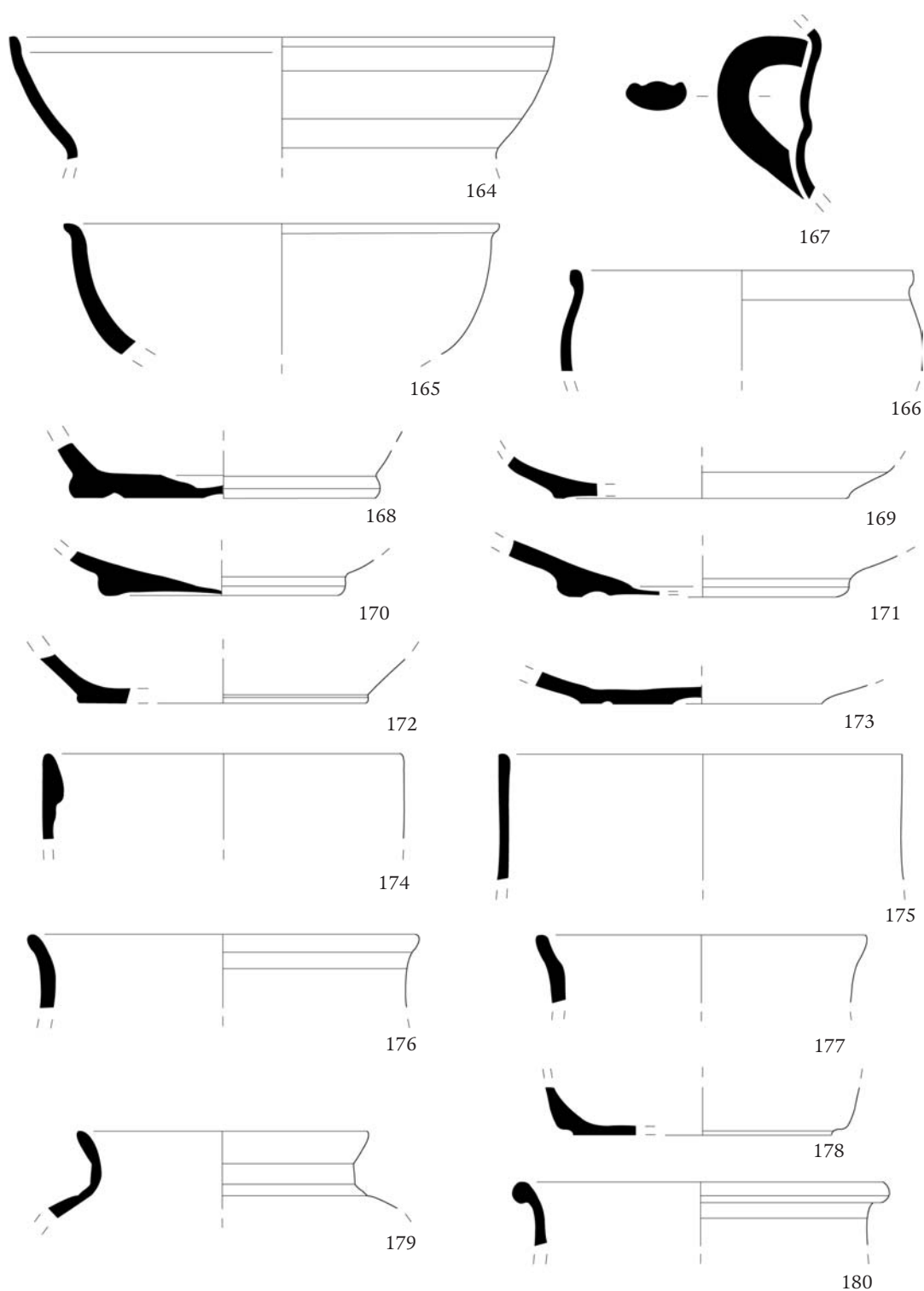


Fig. 15 Par-Fin 10 (164 a 173), Par-Fin 14 (174 a 175), Par-Fin 14A (176 a 178), Par-Fin 21 (179 a 180). Escala 1:1.

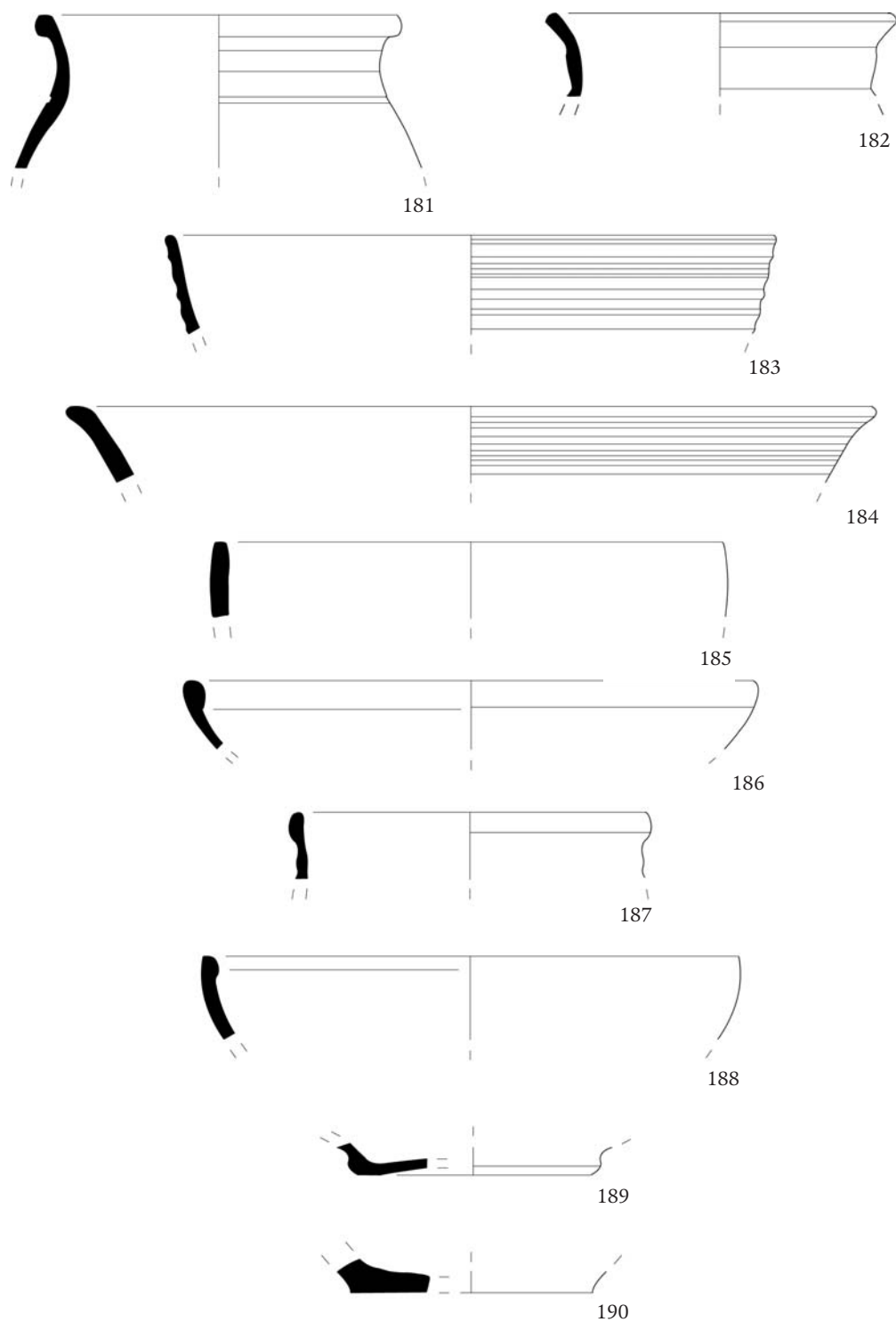


Fig. 16 Par-Fin 21 (181 a 182), Inclassificáveis (183 a 190). Escala 1:1.

2.3.1.10. Fragmentos inclassificáveis

9665 - Fig. 16, n.º 183 (1994/95); Q12; U.E.: 7; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 120 mm; altura: 20 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico II.

9382 - Fig. 16, n.º 184 (1994/95); Q12 B6; U.E.: 6; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 159 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 4 mm. Fabrico II.

9375 - Fig. 16, n.º 185 (1994/95); 12; U.E.: 6b.e.; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 100 mm; altura: 15 mm; espessura média da parede: 3,5 mm. Fabrico III.

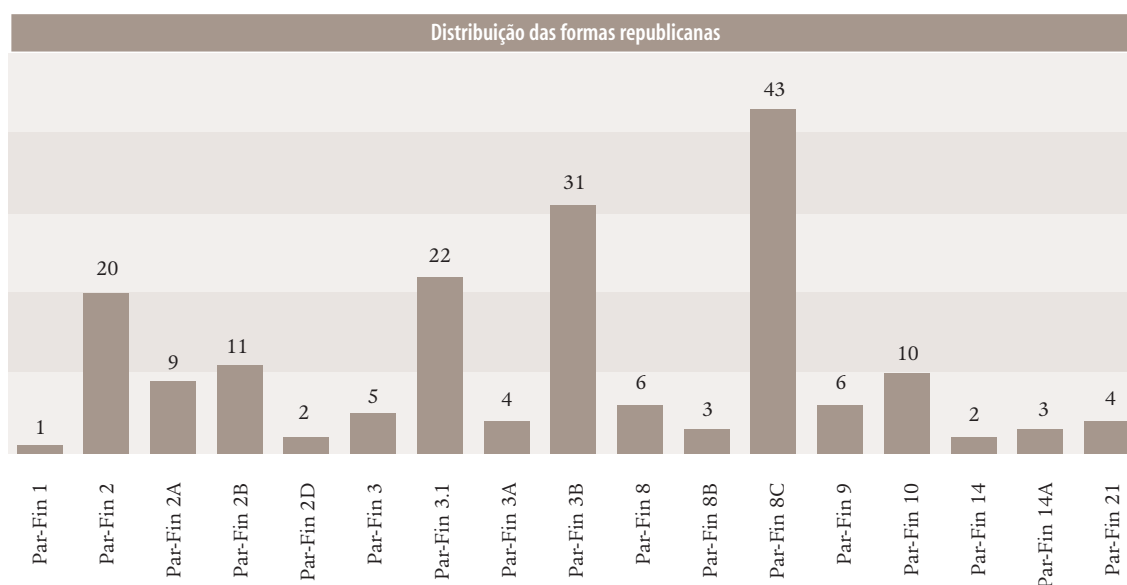
7273 - Fig. 16, n.º 186 (1989); C VIII Q8; U.E.: 17; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 112 mm; altura: 14 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

9680 - Fig. 16, n.º 187 (1995); MUR; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 13 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

12936 - Fig. 16, n.º 188 (1997); Q5; U.E.: 6; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 106 mm; altura: 17 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico VIII.

25503 - Fig. 16, n.º 189 (1999); 1B; U.E.: 238; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 6 mm; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico Ib.

7280 - Fig. 16, n.º 190 (1984); C1 H18; U.E.: 3; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 48 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 5 mm. Fabrico II.



2.3.1.11. As decorações

Os vasos de paredes finas da Alcáçova de Santarém datados da época republicana/principado de Augusto foram, por vezes, decorados. De tal situação é exemplo um conjunto de fragmentos, a grande maioria bojos, que ostentavam uma decoração obtida através da técnica da barbotina. Devemos desde já referir que, sendo abundantes, os exemplares *scallabitanos* são percentualmente insignificantes no conjunto da amostra estudada. Por outro lado, a análise do espólio permitiu tornar evidente a monotonia dos motivos decorativos. Com efeito, o único motivo identificado pode ser descrito como folhas alongadas, com uma aresta central, habitualmente próximas entre si. Esta decoração é próxima do que F. Mayet (1975, p. 8-9) chamou de espinhos, e está presente nas formas 2A e 3.1. Os vasos em que estes motivos foram identificados pertencem apenas aos fabricos I e III, que foram por nós classificados como campanos. Não podemos, contudo, deixar de chamar a atenção para o facto de Ricci (1985, p. 330; Tav. CVIII) ter admitido para decorações muito similares (tipo 125 e 50) uma proveniência germânica. Por outro lado, em estudos recentes, foi proposto que o mesmo tipo decorativo teria sido usado nas oficinas do sul da Gália (Delplace, 1990), apesar de a própria autora reconhecer que ele não está presente nem em Montans, nem em La Graufesenque, nem mesmo em Galane (Delplace, 1990, p. 11-12). Do estudo francês ressalta também o facto de esta decoração aparecer sobre taças, o que manifestamente não é o caso do conjunto da Alcáçova de Santarém.

25544 - Fig. 17, n.º 191 (2000); 1 B; U.E.: 216; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

10120 - Fig. 17, n.º 192 (1997); Q19; U.E.: 14; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

11104 - Fig. 17, n.º 193 (1997); Q4; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico III.

25541 - Fig. 17, n.º 194 (2000); 1 B; U.E.: 131; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

25543 - Fig. 17, n.º 195 (1999); 1 B; U.E.: 263; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

25542 - Fig. 17, n.º 196 (2000); 1 B; U.E.: 238; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico I.

25568 - Fig. 17, n.º 197 (2001); 2; U.E.: 157; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico I.

5690 - Fig. 17, n.º 198 (1989); C VIII; U.E.: 23; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.

9877 - Fig. 17, n.º 199 (1997); Q18; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

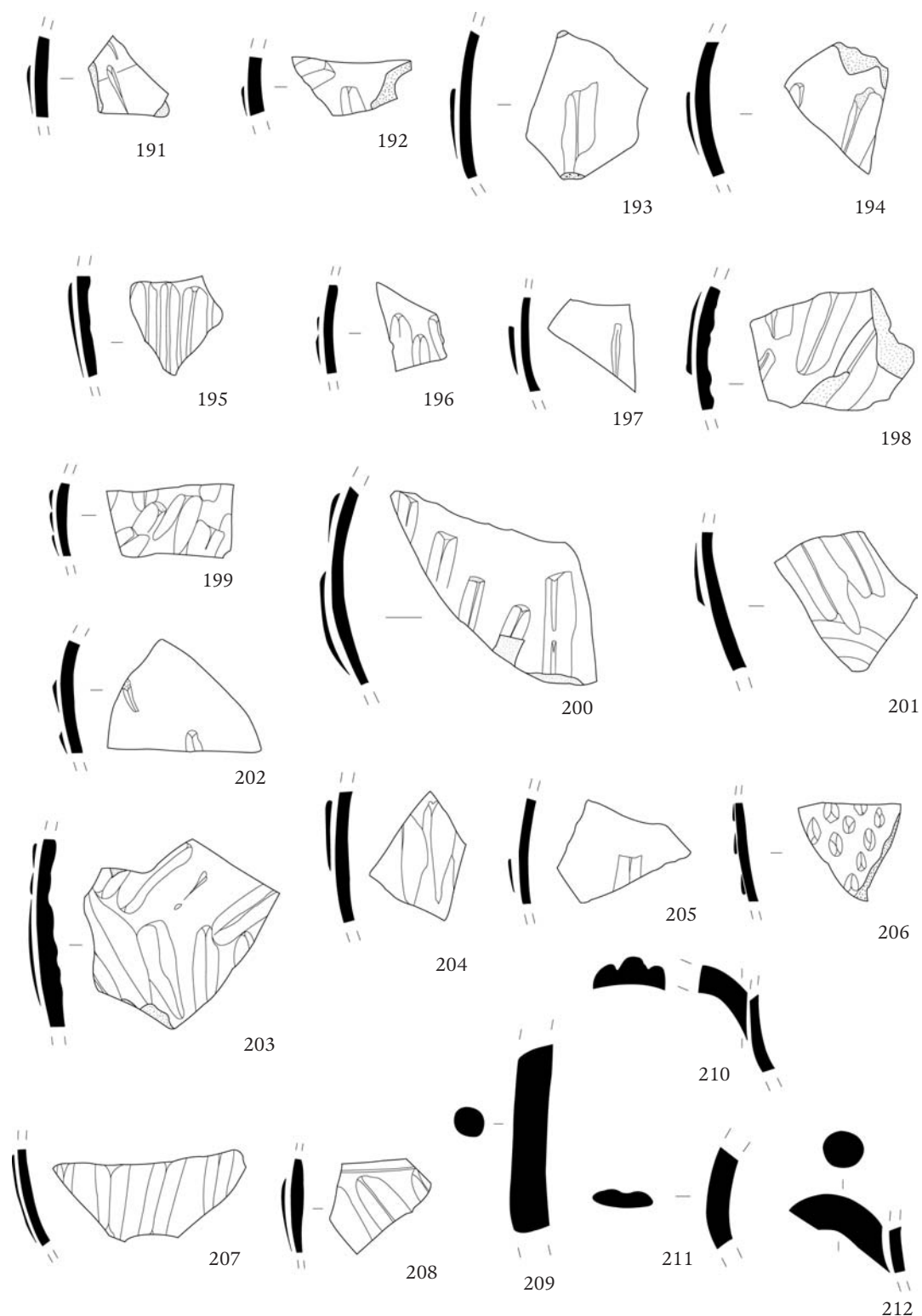


Fig. 17 Bojos decorados (191 a 208), asas (209 a 212). Escala 1:1.

7264 - Fig. 17, n.º 200 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

9156 - Fig. 17, n.º 201 (1994/95); Q31; U.E.: 1; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico I.

5693 - Fig. 17, n.º 202 (1989); C5; U.E.: 5a; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

9887 - Fig. 17, n.º 203 (1997); Q19; U.E.: 17; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Fabrico III.

25572 - Fig. 17, n.º 204 (2001); 2; U.E.: 151; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

25571 - Fig. 17, n.º 205 (2001); 2; U.E.: 84; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

25545 - Fig. 17, n.º 206 (2000); 1 A; U.E.: 643; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 1,5 mm. Fabrico I.

25565 - Fig. 17, n.º 207 (2001); 2; U.E.: 153; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

7264 - Fig. 17, n.º 208 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

2.3.1.12. Asas

A Alcáçova de Santarém ofereceu três asas que indubitavelmente pertencem a vasos de paredes finas de alta cronologia. Não foi contudo possível adiantar a que formas pertenciam uma vez que muitas formas possuem asas morfologicamente idênticas.

41 - Fig. 17, n.º 209 SUPERFÍCIE; 1 fragmento de asa. Fabrico I.

24531 - Fig. 17, n.º 210 (1988); B; U.E.: 7; 1 fragmento de bojo/asa; espessura média da parede: 2 mm. Fabrico I.

15284 - Fig. 17, n.º 211 (1992/93); S4; U.E.: 4a; 1 fragmento de asa. Fabrico VII.

25584 - Fig. 17, n.º 212 (2000); 1A; U.E.: 691; 1 fragmento de bojo/asa; espessura média da parede: 2,5 mm. Fabrico I.

2.3.2. A época imperial

A cerâmica de paredes finas datadas do século I d.C. está escassamente representada na Alcáçova de Santarém. Como já foi referido, dos 704 fragmentos apenas 52 foram integrados nesta cronologia, o que perfaz 7,3% do total da amostra estudada.

Devemos também começar por referir que apenas três formas foram registadas, concretamente Mayet XXXVII, XLII e XLIII, e que a primeira domina no conteúdo do inventário.

A totalidade dos fragmentos é de fabrico peninsular. A grande maioria parece ter sido fabricada na Bética, mas os produtos lusitanos também estão presentes. As pastas brandas de cor esbranquiçada e engobe laranja, sem brilho ou reflexos metálicos, correspondem, de facto, ao que se considerou originário de Mérida (Mayet, 1975, p. 142-147).

A decoração de tipo arenoso (*décor sable*) e a barbotina equivalem-se em termos numéricos. A última inclui mamilos, pérolas, folhas de água, reticulado de losângulos, lúnulas e «escamas» de pinha.

Assim, tudo indica que a realidade encontrada em Santarém, no que diz respeito a formas e decorações, é aproximada da que se regista noutros locais afins da Lusitânia. A forma XXXVII é também a que domina, por exemplo, em Conímbriga (Alarcão et al., 1976) e em Torre d'Ares (Nolen, 1993), apesar de ser obrigatório reconhecer que nestes dois últimos sítios é notória uma maior diversidade formal. Este facto deve relacionar-se, preferencialmente, com a circunstância de aqui ser também maior o âmbito cronológico das importações posteriores a Tibério, contrariamente ao que se passa em Santarém, onde a cerâmica de paredes finas chega, sobretudo, em finais da República e reinado de Augusto. A escassez de importações do século I d.C., comparada com as do momento anterior, pode ser responsabilizada pelo menor número de formas identificadas.

2.3.2.1. Forma XXXVII

Esta forma inclui tigelas hemisféricas, de lábio curto e arredondado, estando o bordo, que é liso, separado da pança por uma fina ranhura. Estas taças estão cobertas por um engobe de cor laranja e brilhante, com reflexos metálicos.

Trata-se de uma produção ocidental, havendo evidências de ter sido produzida tanto em oficinas do sul da Gália (Montans e La Graufesenque) como na Bética e foi muito difundida, sobretudo, na bacia ocidental do Mediterrâneo. No que diz respeito à cronologia, a forma parece surgir na época tibério-claudiana, estendendo-se pelo período dos Flávios. Mais especificamente, uma data entre 25-60 pode ser proposta.

Esta categoria encontra-se representada em Santarém por onze exemplares. Entre estes, oito apresentam uma decoração arenosa, que por sua vez é a mais frequente nesta forma. Um outro fragmento evidencia uma decoração em rede de losangos e outro ainda em pequenos pontos, ambas obtidas através da técnica da barbotina. Todos os fragmentos escalabitanos da Forma XXXVII são de produção bética.

7256 - Fig. 18, n.º 213 Corte 9; U.E.: ?; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 81 mm; altura: 36 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração em rede de losângulos. Fabrico bético.

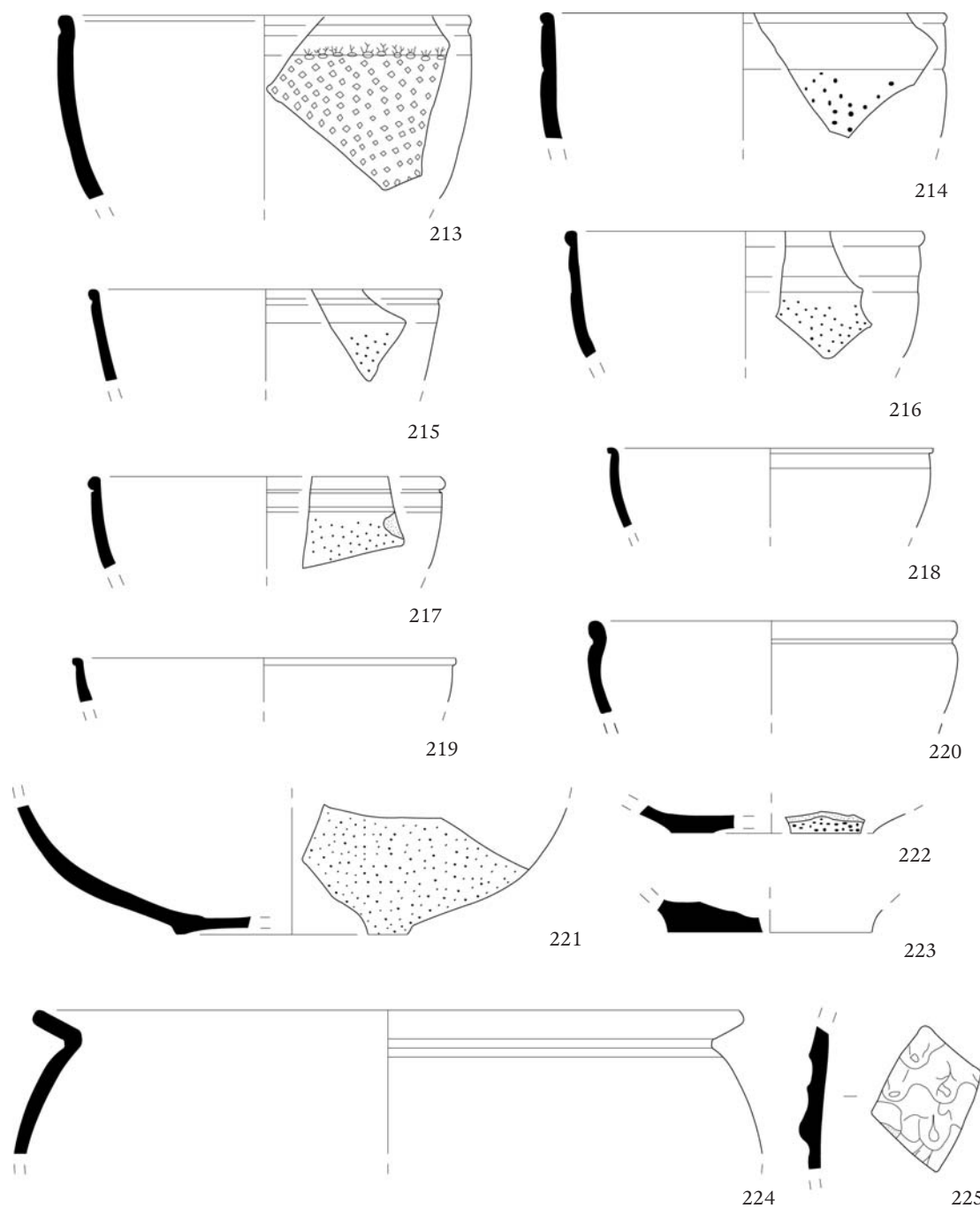


Fig. 18 Par-Fin XXXVII (213 a 223), Par-Fin XLII (224 a 225). Escala 1:1.

5703 - Fig. 18, n.º 214 (1985) F15; U.E.: 3b; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 80 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração de pontos. Fabrico bético.

5707 - Fig. 18, n.º 215 (1985) F15; U.E.: 3b; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 69 mm; altura: 23 mm; espessura média da parede: 2 mm. Decoração arenosa. Fabrico bético.

5704 - Fig. 18, n.º 216 (1985) F15; U.E.: 3b; 1 fragmento de bordo; diâmetro de bordo: 70 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração arenosa. Fabrico bético.

7325 - Fig. 18, n.º 217; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 69 mm; altura: 18 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração arenosa. Fabrico bético.

25539 - Fig. 18, n.º 218 (2000) 1A; U.E.: 643; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 64 mm; altura: 16 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja claro em ambas as superfícies. Fabrico bético.

25540 - Fig. 18, n.º 219 (2000) 1A; U.E.: 129; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 76 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Fabrico bético.

11841 - Fig. 18, n.º 220 (1997) Q2; U.E.: 2; 1 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 72 mm; altura: 19 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Fabrico bético.

7259 - Fig. 18, n.º 221 (1987) C4 J14; U.E.: 6; 2 fragmentos de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 25 mm; espessura média da parede: 2,5 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração arenosa. Fabrico bético.

5687 - Fig. 18, n.º 222 (1987) I14; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 2 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Decoração arenosa. Fabrico bético.

5689 - Fig. 18, n.º 223 (1987) I14; U.E.: 4; 1 fragmento de bojo/fundo; diâmetro de fundo: 40 mm; altura: 4 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe de cor laranja em ambas as superfícies. Fabrico bético.

2.3.2.2. *Forma XLII*

Os vasos desta forma são altos e o perfil geral é de tendência ovóide ou globular. O bordo é oblíquo e exvertido, e a pança, muito arredondada, estreita-se à medida que se aproxima do fundo. Este pode ser plano ou ligeiramente côncavo. Estes vasos estão cobertos por um engobe de cor laranja, por vezes com reflexos metálicos.

No que diz respeito aos parâmetros cronológicos, existe uma certa unanimidade em situá-los na segunda metade do século I d.C. (Mayet, 1975, p. 96), apesar de poder admitir-se que a sua produção se tenha iniciado ainda no segundo quartel do mesmo século. Uma cronologia entre 30 e 100 é pois admissível.

Trata-se de vasos muito divulgados no Ocidente, estando presentes em numerosos sítios hispânicos e mesmo do sul da Gália.

Na Alcáçova de Santarém, esta categoria encontra-se representada por um único exemplar, tendo aparecido em claro contexto secundário, concretamente no entulhamento de uma silo de época islâmica, onde está associado a espólios com cronologias diversas e de grande amplitude. Um fragmento decorado com folhas de pinha pode também ter feito parte de um vaso deste tipo formal.

7261 - Fig. 18, n.º 224 (1987) G17 silo; 2 fragmentos de bordo; diâmetro de bordo: 140 mm; altura: 28 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe de cor laranja com reflexos metálicos em ambas as superfícies. Fabrico bético.

7276 - Fig. 18, n.º 225 (1983) G18 UE 3; 1 fragmento de parede com decoração a barbotina (tipo «escamas» de pinha); espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja escuro e pasta ocre, compacta e branda. Fabrico bético.

2.3.2.3. *A Forma XLIII*

De Santarém são provenientes dois fragmentos de parede que devem ser integrados nesta forma, que engloba taças de carena alta e angulosa. Estão decorados a barbotina com pérolas e foram ambos fabricados em *ateliers* emeritenses. Três fundos podem ainda integrar esta mesma forma, apesar das reservas que colocamos nesta classificação. As características das suas pastas permitem admitir, também para eles, um fabrico lusitano.

11823 - Fig. 19, n.º 226 (1997) Q2; UE 2; 1 fragmento de fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 10 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Fabrico: Mérida.

4176 - Fig. 19, n.º 227 (1987) C2 I10; UE 4; 2 fragmento de fundo; diâmetro de fundo: 46 mm; altura: 8 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Fabrico: Mérida.

25569 - Fig. 19, n.º 228 (2001) 2; UE 109; 1 fragmento de fundo; diâmetro de fundo: 41 mm; altura: 9 mm; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Fabrico: Mérida.

11851 - Fig. 19, n.º 229 (1997) Q2; UE 2; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração com mamilos a barbotina. Fabrico: Mérida.

7262 - Fig. 19, n.º 230 (1983) A; U.E.: 4; 1 fragmento de carena; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração com mamilos a barbotina. Fabrico: Mérida.

2.3.2.4. *Fragmentos inclassificáveis*

7260 - Fig. 19, n.º 231 (1990) C IX; U.E.: 2a; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração a barbotina. Fabrico: Bético.

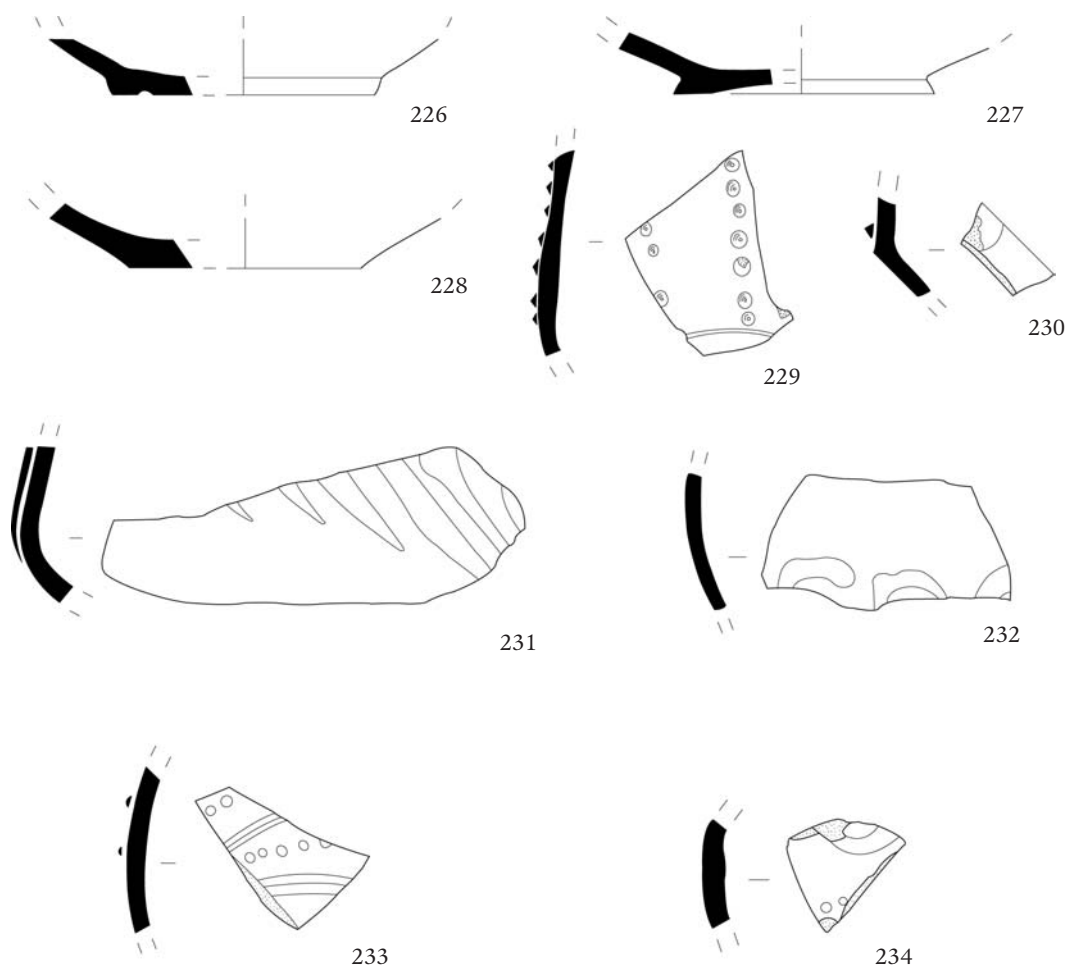


Fig. 19 Par-Fin XLIII (226 a 230), Inclassificáveis (231 a 234). Escala 1:1.

5697 - Fig. 19, n.º 232 (1987) C4 J13; U.E.: 10; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração a barbotina. Fabrico: Bético.

11821 - Fig. 19, n.º 233 (1997) Q2; U.E.: 2; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração a barbotina. Fabrico: Bético.

9863 - Fig. 19, n.º 234 (1997) Q19; U.E.: 9; 1 fragmento de bojo; espessura média da parede: 3,5 mm. Engobe laranja em ambas as superfícies. Decoração a barbotina. Fabrico: Bético.

3. Comentário final

O espólio arqueológico agora apresentado merece ainda um breve comentário final.

Em primeiro lugar, parece importante salientar o número de fragmentos que pertencem à primeira fase das importações. De facto, e tomando em consideração a realidade ocidental da Lusitânia, os 652 fragmentos recolhidos e que podem integrar-se na época republicana/reinado de Augusto

não podem deixar de impressionar. Este número deve, no entanto, ser lido em função da já extensa área escavada e da escassez de contextos republicanos portugueses escavados e/ou publicados.

Por outro lado, tanto os tipos presentes, como os contextos em que a grande maioria das peças foi recolhida, indicam que a importação destas cerâmicas se iniciou apenas num momento já relativamente avançado da época republicana, concretamente a partir de meados do século I a.C.

A grande maioria datará já dos finais do terceiro e último quartel do mesmo século. Assim, parece posta de lado a possibilidade de a maioria destas peças puderem interpretar-se no quadro de um qualquer abastecimento militar, tudo indicando, pelo contrário, que se trata de importações de um centro de consumo já plenamente romanizado. Apenas um número reduzido de fragmentos pôde efectivamente datar-se de finais da primeira metade/meados do século I a.C., sendo estes passíveis de conectar com a instalação do *Praesidium* por Júlio César.

Do ponto de vista formal, não podemos deixar de referir a relativa diversidade do conjunto, o que aparentemente, se afasta do que é conhecido em realidades tardo republicanas peninsulares, sobretudo, ocidentais. Este facto, deve, no entanto, ser matizado, uma vez que, e como já referimos por diversas vezes ao longo deste texto, os contextos republicanos e augustanos portugueses são muito mal conhecidos. Porém, e à semelhança do que parece ocorrer em sítios mais tardiamente romanizados, nota-se a escassa representatividade da Forma 1 e a abundância das formas 2, 3 e, sobretudo, 8C. Uma análise mais objectiva do quadro morfológico *escalabitano* permite verificar que os copos de bordo alto e encurvado dominam claramente sobre as outras formas. Por outro lado, parece também importante referir ainda que os copos altos e fusiformes são numericamente muito inferiores aos copos mais baixos e de perfil geral globular ou ovóide. Estes dados devem ser interpretados tendo em consideração o factor cronológico, uma vez que é sabido que no decorrer do século I a.C. os segundos tendem a substituir os primeiros.

A origem campana da grande maioria das cerâmicas de paredes finas com cronologias antigas encontradas na Alcáçova de Santarém deve ser lida num contexto não só cronológico, mas também no quadro da relação entre centros de produção e centros de consumo. Com efeito, também as outras importações itálicas desta época são maioritariamente provenientes da região central ocidental da península itálica. A cerâmica campaniense B é muito escassa em Santarém, onde dominam as classes B-óide e mesmo A, e as centenas de ânforas Dressel 1 caracterizam-se pelas típicas pastas da Campânia e do Lácio. A representação das outras áreas exportadoras de produtos alimentares italianos republicanos é praticamente vestigial.

Quanto às importações de cerâmica de paredes finas posteriores ao reinado de Tibério, é ainda o número que merece o primeiro comentário, sendo, neste caso, a sua escassez que é necessário destacar. De facto, não pode deixar de surpreender o reduzido número de fragmentos recolhidos, nem em termos absolutos, nem tomando em consideração a área escavada.

Regista-se também uma escassa diversidade formal, esta certamente decorrente do reduzido peso numérico da amostra.

Ambas as realidades representam o oposto do que é conhecido em outras cidades lusitanas, onde o conjunto das cerâmicas de paredes finas do século I d.C. é sempre muito mais numeroso que o do momento imediatamente anterior. Tanto em Conímbriga, como em Balsa, por exemplo, ou mesmo em sítios rurais, esta espécie cerâmica está bem representada no Alto Império, ao contrário do que se passa na época precedente. Se a questão cronológica pode explicar, em parte, os dados de Santarém (Balsa e Conímbriga não detêm, na época republicana, a importância que *Scallabis* adquire, e em Santarém os níveis pré-imperiais estão muito bem documentados), outras conjunturas terão de ser chamadas à colação para resolver a escassez de importações entre Tibério e o reinado dos Flávios.

Parece assim ainda importante também lembrar que o estudo da *terra sigillata* de Santarém veio a demonstrar a elevada percentagem dos fabricos itálicos, face aos outros sítios lusitanos, concretamente Conímbriga (Viegas, 2001, p. 332-333), onde as importações se desenvolvem numa época mais tardia. De facto, registou-se que «a forte expressão da *sigillata* itálica em Santarém relaciona-se igualmente, com o facto desta cerâmica ter começado a chegar a *Scallabis* ainda antes do reinado de Augusto, embora em quantidades reduzidas, atingindo o auge das importações durante o final de o reinado de Augusto e de Tibério.» (Viegas, 2001, p. 333-334).

Ainda assim, fica claro que a Santarém continuam a chegar, durante todo o século I d.C. grandes quantidades de *terra sigillata*, de que são exemplo as importações sud gálicas, não podendo pois a escassez de paredes finas imperiais ser interpretada por qualquer abandono ou declínio da cidade do Tejo.

Por tudo isto torna-se necessário referir a importante presença de vidros romanos do século I d.C. sobre o sítio. Em estudo recente (Antunes, 2000), ficou provada a adopção precoce de peças de vidro em Santarém, tendo sido apontado como data provável para a sua generalização os meados do século I. A este facto pode efectivamente ser assacada a responsabilidade do progressivo abandono das cerâmicas de paredes finas, uma vez que sabemos como os recipientes de vidro substituem aquelas no consumo de líquidos.

Lisboa, Outono de 2002

NOTAS

- * Investigadora da UNIARQ. Faculdade de Letras. 1600-214 Lisboa. a.m.arruda@mail.doc.fl.ul.pt
- ** Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Colaboradora da UNIARQ.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. [et al.] (1976) - *Fouilles de Conímbriga. Vol. 6 Céramiques diverses et verres*. Paris: Mission archéologique française au Portugal/Museu Monográfico de Conímbriga
- ALMAGRO, M. (1965) - *Las necrópolis de Ampúrias*. Barcelona: Diputación Provincial.
- ALMEIDA, R. R.; ARRUDA, A.M. (no prelo) - As ânforas de tipo Mañá C em Portugal. In *Actas do V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo/Marsala, Outubro 2000.
- ANTUNES, A.S. (2000) - Vidros romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3, n.º 2, p. 153-199.
- ARRIBAS, A.; TARRADEL, M.; WOODS, D. E. (1973) - *Pollentia. Excavaciones en As portella, Alcludia (Maollorca)* (Excavaciones Arqueológicas en España; 75). Madrid: Ministerio de Cultura.
- ARRUDA, A.M (no prelo) - Ânforas R1 em Portugal. In *Actas do V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo/Marsala, Outubro 2000.
- ARRUDA, A.M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. In *Estudos Orientais (Actas do Encontro "Os fenícios no território português")*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa. 4, p. 193-214.
- ARRUDA, A.M. (2002a) - *Fenícios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5). Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A.M. (2002b) - A Alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: IPM/CMS. p. 29-35.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1998) - As ânforas da classe 32 da Alcáçova de Santarém (campanhas de 1983-1991). *Conímbriga*. Coimbra. 36, p. 201-231.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. (1999) - As importações de vinho itálico para o território actualmente português: Contextos, cronologias e significado. In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de Velázquez. 65, p. 307-337.
- ARRUDA, A.M.; ALMEIDA, R. R. (2001) - Importação e consumo de vinho bético na Colónia romana de Scallabis (Santarém, Portugal). In *Actas do Congreso Internacional «Ex Baetica Amphorae Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio romano»*. Sevilla, 1998. Vol. II, p. 703-716.

- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (1999)- The Roman temple of *Scallabis* (Santarém, Portugal), *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 185-214.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C. (2000) - A Roman temple in *Scallabis* (Santarém, Portugal): architecture and historical context. In *Proceedings of the XVth International Congress of Classical Archaeology*. Allard Pierson Series. Amsterdam: Allard Pierson Museum. 12, p. 58-60.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C. (2002a) - A Alcáçova. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: IPM/CMS. p. 73-81.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C. (2002b) - O templo romano de *Scallabis*. In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: IPM/CMS. p. 173-178.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C. (2002c) - A cerâmica de engobe vermelho pompeiano da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 221-238.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C. (2002d) - *Scallabis*: religião e culto no dealbar do I milénio. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: IPM/CMS. p. 223-226.
- BIANCHETTI, E. (1895) - I sepolcreti di Ornavasso. In *Atti della Società di Archaeologica e Bella Arti per la provincia di Torino*. Turim. 6
- BONSOR, G. E. (1931) - *An archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*. Nova York.
- DELPLACE, C. (1990) - *Les céramiques a parois fines*. Collections du Musée archéologique départemental de Saint-Bertrand-de-Comminges.
- FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa. (Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada).
- LAMBOGLIA, N. (1947) - Gli scavi nella zona paleocristiana di S. Calocero. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 13, p. 141-183
- LAMBOGLIA, N. (1950) - *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana. Parte prima. Campagne di scavo 1938-1940*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri.
- LOPÉZ MULLOR, A. (1981) - *Las cerámicas romanas de paredes finas en Catalunya*. Barcelona: Diputació de Barcelona.
- MARABINI MOEVS, M. T. (1973) - *The roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. Roma: American Academy in Rome.
- MAYET, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordéus. Centre Pierre/CNRS. Paris.
- MORAIS, R., (1997) - Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação à época flávia. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 14-15, p. 47-97.
- MOREL, J. P. (1981) - *Ceramiques campaniennes: les formes*. Paris: MEFR 244.
- NOLEN, J. (1993) - *Cerâmicas e vidros de Torre d'Ares. Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- PARIS, P.; Bonsor, G. E.; Laumonier, A.; Ricard R. e Mergelina, C. de (1926) - *Fouilles de Belo (Bolonja, Province de Cadix)*. Bordeaux/Paris. 2 volumes.
- PASSELAC, M. (1993) - Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale. *Lattara*. Lattes. 6.
- PY, M.; ADROHER AUROUX, A.; SANCHEZ, C. (2001) - *Corpus des céramiques de l'âge du Fer de Lattes (fouilles 1963-1999)*. Lattara. Lattes. 14.
- RICCI, A. (1985) - Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle Forme Ceramiche*. Vol. II. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana.
- ROBINSON, H. S. (1959) - *The Athenian Agora V. Pottery of Roman period chronology*. Princeton.
- SANMARTI, E; NOLLA, J. M.; AQUILUÉ, J. (1983) - Les excavacions a l'àrea del parking al sud de la neapòlis d'Empúries. (informe preliminar). *Ampurias*. Barcelona. 45-46, p. 110-153.
- SILVA, C. T.; SOARES, J (1997) - Chibanes revisitado: primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. Lisboa, 6, p. 33-36
- TCHERNIA, A.; POMEY, P.; HESNARD, A. (1978) - *L'épave romaine de la Madrague de Giens*. Sup. Galia 34. Paris.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona
- VIEGAS, C. (2001) - *Cerâmica, economia e comércio: a Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém*. Trabalho de síntese realizado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.
- VIEGAS, C.; ARRUDA, A.M. (1999) - Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém. *Revista do Instituto Português de Arqueologia*. Lisboa. 2, 2, p. 105-186.